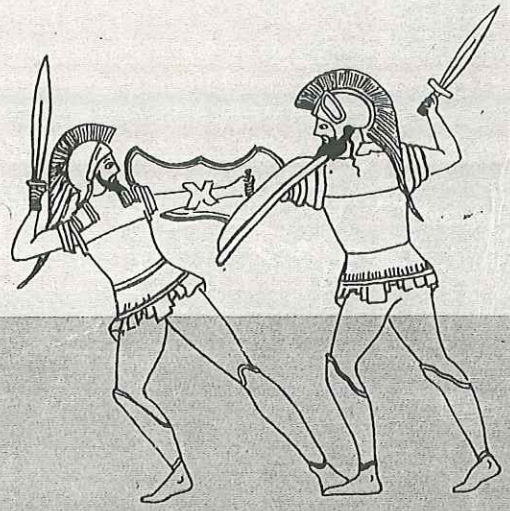


VOLUME 4 Literatura em minha casa | OBRA CLÁSSICA ADAPTADA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FNDE

Biblioteca da Escola

RUTH ROCHA
conta a

Odisséia

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Coleção Literatura em minha casa

VOL. 1 POESIA
A arca de Noé

VOL. 2 CONTOS
Era uma vez um conto

VOL. 3 NOVELA
Minhas memórias de Lobato

VOL. 4 OBRA CLÁSSICA ADAPTADA
Odisséia

VOL. 5 TEATRO
Pluft, o fantasminha

BIBLIOTECA PAULO VI
Reg. nº 1193 - Data 1968/12/4
PROVÍNCIA SANTA CLARA
INSTITUTO SANTO ANTÔNIO

Biblioteca Guimarães Rosa
Província Santa Clara
Colégio Franciscano Santo Antônio

ISBN 85-7406-061-5
9 788574 060613

200
16

Copyright do texto © 2000 by Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda.
representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.
Copyright das ilustrações © 2000 by Eduardo Rocha

Capa:
Raul Loureiro

Preparação:
Denise Pegorim

Revisão:
Renato Potenza Rodrigues
Beatriz de Freitas Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha, Ruth, 1931 –

Odisséia / Ruth Rocha ; ilustrações de Eduardo Rocha. —
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2000.

ISBN da coleção 85-7406-111-5
ISBN 85-7406-061-5

1. Literatura infanto-juvenil 2. Mitologia grega (literatura infanto-juvenil) I. Rocha, Eduardo II. Título.

00-0713 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Odisséia : Mitologia grega : Literatura infanto-juvenil 028.5

2002

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3167-0801
Fax: (11) 3167-0814
www.companhiadasletras.com.br

INTRODUÇÃO

Onde se conta o que aconteceu
antes que a "Odisséia" começasse

Há muito, muito tempo, havia um grande e poderoso reino cuja capital, Tróia, era uma enorme cidade, fortificada, muito rica e muito poderosa.

Seu rei, Príamo, teve muitos filhos.

Quando nasceu Páris, seu segundo filho, um oráculo previu que aquele menino iria pôr fogo na cidade.

O rei ficou apavorado, pois naquele tempo os oráculos eram muito respeitados. Resolveu, por isso, abandonar o menino numa montanha próxima, o monte Ida, onde ele seria devorado pelos lobos.

A criança ficou chorando sozinha na floresta. Um casal de pastores encontrou o menino e levou-o para casa, onde o criou como se fosse seu filho.

Anos mais tarde, na morada dos deuses, o Olimpo, houve uma grande festa.

Todos os deuses foram convidados.

Todos?

Quase todos.

A deusa Éris, deusa da discórdia, não foi convidada, justamente para evitar o que acabou acontecendo: que ela levasse a discórdia para a festa. Mas a deusa ficou muito ofendida por não ter sido convidada e concebeu um plano dos mais engenhosos para perturbar a festa. Entrou sorrateiramente e atirou sobre a mesa do banquete uma maçã de ouro, junto com um bilhete no qual estava escrito: "À mais bela!".

As deusas do Olimpo não eram diferentes das outras mulheres. Todas queriam ser consideradas a mais bela.

Mas as deusas dos gregos não eram todas igualmente poderosas. As que tinham menos força foram saindo

da briga. Restaram apenas três deusas, que iriam disputar o troféu com todas as suas forças e quase todos os seus ardis.

Hera, a esposa de Zeus, poderosa, ciumenta, vingativa, terrível.

Palas Atena, que brotou armada da cabeça de Zeus, a lutadora, a sábia, a guerreira de verdes olhos.

E Afrodite, que também era filha de Zeus, a deusa do amor e da beleza, alegre, irresistível, a bela deusa dourada.

As três disputavam o troféu e pediram a Zeus que resolvesse a quem ele cabia.

Zeus era o maior de todos os deuses, o chefe do Olimpo, o deus do raio, deus da chuva, senhor do céu e das nuvens. Seu poder era maior que o de todos os deuses.

Pois bem! Zeus não teve coragem de desempatar essa disputa. Então ele teve uma idéia:

Convenceu as candidatas a chamarem um mortal para resolver a questão. E indicou para isso aquele menino, aquele príncipe troiano, que havia sido abandonado no monte Ida.

A essa altura, Páris já era um rapaz e tomava conta dos rebanhos de seu pai, Príamo, o poderoso rei de Tróia, que já tinha descoberto que ele estava bem vivo.

Zeus mandou buscar o rapaz, que deve ter ficado na maior dúvida, porque, se até Zeus tinha medo das deusas, imagine ele, que era jovem, sem experiência e ainda por cima, mortal!

Mas, pelo que a gente sabe desse concurso de beleza, ele não se resolveu na base da honestidade. As três deusas não tiveram a menor vergonha de tentar subornar o juiz.

Então Hera prometeu a Páris que, se ganhasse o concurso, faria dele um rei poderoso que mandaria no mundo todo.

Palas Atena prometeu que, se ganhasse, faria de

Páris o mais sábio dos mortais e o maior de todos os guerreiros.

E Afrodite?

Afrodite prometeu a ele o amor da mais bela mulher do mundo, caso ela fosse a escolhida no concurso.

Páris não teve dúvidas: entregou a maçã a Afrodite.

A mulher mais linda da terra era Helena, rainha de Esparta, e, para complicar as coisas, completamente casada com o rei de Esparta, Menelau.

Páris, ajudado por Afrodite, conseguiu ser recebido na corte de Esparta.

Conquistou Helena e raptou-a, levando-a para Tróia.

Quando Helena foi raptada, Menelau apelou a todos os reis da Grécia para que o ajudassem a resgatá-la.

Formou-se então um enorme exército, pois cada rei levou seus soldados. E todos, chefiados por Agamenon, que era irmão de Menelau, dirigiram-se a Tróia para buscar Helena de volta.

Cercaram a cidade e travaram inúmeros combates, mas a guerra levou dez anos para se resolver, porque os deuses, ora ajudavam os gregos, ora ajudavam os troianos.

Entre os reis gregos que sitiaram Tróia estava Ulisses, o mais astuto de todos eles. Ele inventou uma artimanha espertíssima, para que finalmente os gregos vencessem os troianos.

Fez que os gregos construíssem um enorme cavalo de madeira e no interior dele acomodaram os guerreiros mais valentes, inclusive Ulisses.

Puseram o cavalo em frente aos portões de Tróia, como se fosse um presente.

Depois, começaram a se retirar, embarcando inclusive nos seus navios.

Os troianos, vendo aquilo, acreditaram que os gregos tivessem desistido da guerra e que o presente fosse uma prova disso.

O cavalo era tão grande, que não passava pelos portões da cidade. Então, embriagados com a idéia de que

a guerra tinha finalmente acabado, alguns troianos resolveram derrubar uma parte da muralha para poder levar o cavalo para dentro da cidade.

Todos os troianos ficaram muito alegres. Empurraram o cavalo para dentro das muralhas, fizeram grandes festas, tomaram muito vinho, dançaram pelas ruas até que escureceu, todos ficaram muito cansados e foram dormir.

Quando tudo se acalmou, a barriga do cavalo abriu-se e os gregos foram saindo lá de dentro.

Enquanto isso, os soldados que haviam se retirado vinham voltando e entraram pela brecha que os próprios troianos tinham feito na muralha.

Num instante, os gregos já tinham se espalhado pela cidade, já tinham matado os soldados troianos que encontraram e, até que os habitantes da cidade se dessem conta do que estava acontecendo, eles já estavam no palácio real e já tinham aprisionado o rei, a rainha, os príncipes e as princesas.

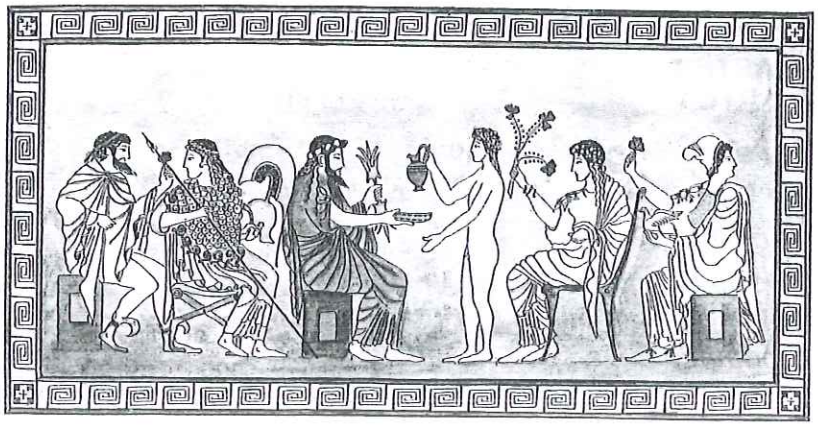
Helena foi levada de volta a Esparta e cada um dos combatentes gregos voltou para sua terra.

A *Odisséia* é a história da volta de Ulisses, o mais astuto de todos os gregos, para sua ilha de Ítaca, onde era rei.

Ulisses é o nome romano do nosso herói. Na Grécia ele é chamado de Odisseu. Por isso esta história se chama *Odisséia*.

Parte I

Na qual se contam as aflições da esposa de Ulisses, Penélope, e de Telêmaco, seu filho, já que Ulisses, dez anos depois do término da guerra de Tróia, ainda não tinha chegado a Ítaca



1

Dez anos se passaram depois que a guerra de Tróia terminou.

Todos os reis, generais e comandantes que tinham tomado parte nela, já tinham voltado para suas casas.

Mas Ulisses, o mais esperto dos gregos, não conseguia chegar à ilha de Ítaca, da qual era o rei e onde estavam esperando por ele, sua mulher Penélope e seu filho, Telêmaco, que já tinha quase vinte anos.

Havia sempre alguma coisa que atrapalhava sua volta. Na verdade, havia dois deuses que faziam de tudo para complicar a viagem de Ulisses: Hélio, o Sol, e Poseidon, deus das águas, que tinham ficado ofendidos com Ulisses, por alguns fatos que serão contados mais adiante.

Tanto os deuses atrapalharam Ulisses, que Palas Atena, que era muito amiga dos gregos, resolveu fazer uma reunião no Olimpo, para discutir o caso. Aproveitou a ocasião em que Poseidon estava longe e chamou todos os deuses para uma conversa.

E foi falando de Ulisses, que não conseguia voltar para casa, pois estava retido na ilha da ninfa Calipso, que queria se casar com ele. E contou que Ulisses só queria morrer, estava desanimado, de tanto que tentava voltar para casa e não conseguia.

— Por que, ó Zeus, amontoador de nuvens, estás zangado com ele?

(Os deuses falavam assim uns com os outros.)

Zeus não tinha nada contra Ulisses, então respondeu a Atena dizendo que concordava que ele era um bom sujeito, mas que Poseidon, o condutor da Terra, é que tinha raiva dele. E prometeu que ia fazer de tudo para que Ulisses conseguisse voltar para casa.

— Todos os deuses vão ajudar — ele disse. — E Poseidon vai ter que aceitar.

Palas Atena, então, mandou Hermes avisar Calipso, a ninfa de belas tranças, de que a ordem de Zeus era para libertar Ulisses.

Enquanto isso, ela mesma foi para Ítaca, para ajudar Telêmaco, calçando suas sandálias douradas que a levavam pelos ares, voando sobre a terra e sobre as águas com a velocidade do vento e levando sua lança, com a qual era capaz de derrubar toda uma fileira de heróis.

Telêmaco precisava muito de ajuda, porque todo mundo achava que Ulisses tinha morrido. Os príncipes das ilhas próximas queriam todos se casar com Penélope, pois pensavam que ela estava viúva. Queriam casar com ela, por um lado, porque queriam ser reis de Ítaca. E por outro lado, porque Penélope era muito linda.

Então, iam todos, todos os dias, para o palácio de Ulisses, com a maior sem-cerimônia e lá ficavam, comendo os melhores bois do rebanho da ilha e bebendo os melhores vinhos que a ilha produzia. E ficavam insistindo para que Penélope escolhesse um deles para marido.

Chegando a Ítaca, Palas Atena disfarçou-se como Mentes, o rei dos táfios, e entrou no palácio logo depois de uma grande comilança dos pretendentes.

Quando Telêmaco viu aquele viajante, correu para recebê-lo, pois era hábito dos gregos receber os hóspedes muito bem. Chamou as escravas, mandou que o servissem, começou a conversar com ele e lhe contou sobre sua situação.

Telêmaco estava muito aborrecido; afinal, os pretendentes estavam comendo toda a sua herança! Contou a Mentes que não tinha mais esperança de que seu pai voltasse. E que aqueles homens iam acabar dando cabo dele mesmo, Telêmaco.

Palas Atena, disfarçada, disse ao moço que acreditava na volta de Ulisses e que ele deveria convocar todos os príncipes para irem à ágora, a praça da cidade onde as pessoas se reuniam, e lhes dizer que fossem embora de sua casa. E em seguida, viajar por vários lugares, para tentar encontrar seu pai.

Então despediu-se de Telêmaco e ergueu vôo, como se fosse um pássaro. O rapaz compreendeu que ali tinha estado um deus.

Telêmaco voltou para junto dos pretendentes, que estavam ouvindo canções sobre a guerra, cantadas por um aedo, nome que se dava aos cantores.

Penélope, ouvindo as canções, desceu de seus aposentos e pediu que não cantassem aquelas músicas, que a lembravam de Ulisses.

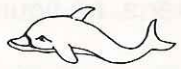
Mas Telêmaco ordenou que ela subisse, pois ele, que era agora o chefe da casa, iria resolver todas as questões.

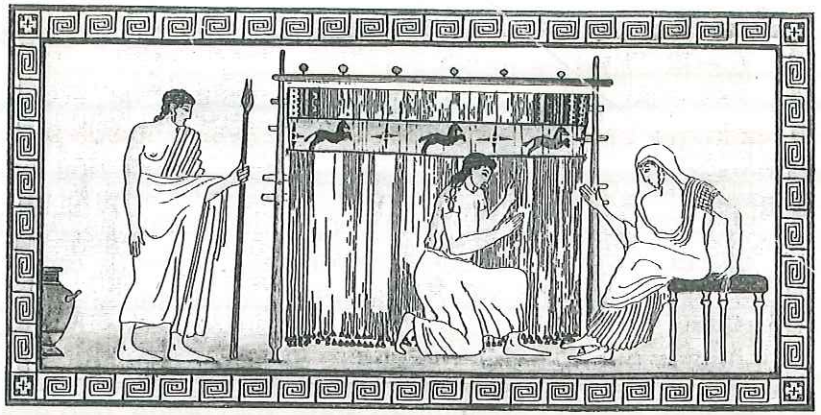
Os pretendentes, quando viram Penélope tão bela, ficaram revoltados por ela não escolher nenhum deles e começaram a fazer grande algazarra.

Então Telêmaco, que estava inspirado por Palas Atena, dirigiu-se aos príncipes:

— Pretendentes de minha mãe, cessem os gritos e ouçam a música. Depois, todos devem se recolher às suas casas. E, ao romper da Aurora, vamos nos reunir na ágora. Já tomei minha decisão.

Efetivamente, ao anoitecer, todos se retiraram para suas casas para repousar.





2

Ao raiar da Aurora, de dedos rosados, Telêmaco vestiu-se, calçou suas sandálias e pendurou sua espada no ombro.

Mandou que os arautos avisassem a população de que todos os habitantes da ilha deveriam se dirigir à ágora. E, levando seus cães, encaminhou-se à praça, onde a população estava reunida.

Ele vinha tão bonito e tão imponente que lhe deram a cadeira de Ulisses, que fazia o papel de um verdadeiro trono.

Telêmaco então dirigiu-se à assembléia, dizendo que precisava da ajuda de todos os habitantes de Ítaca.

— De fato — disse ele — uma dupla desgraça abateu-se sobre mim. Perdi meu pai, que outrora foi rei desta ilha e vejo minha casa sendo ameaçada de ruína. Alguns pretendentes à mão de minha mãe, em lugar de falar com o pai dela, de cobri-la de presentes, como é hábito, meteram-se na minha casa já faz muito tempo e estão consumindo nossos rebanhos e nossos vinhos de tal maneira, que botam em perigo meu próprio futuro. Sou muito jovem para acabar com isso, peço portanto aos habitantes da ilha que percebam minha aflição e me ajudem.

Todos se penalizaram com a situação, menos, é claro, os causadores dos problemas de Telêmaco.

Antínoo, que era um dos mais ousados pretendentes, reagiu violentamente!

— Como se atreve a falar conosco desta forma? A culpa pelo que está acontecendo não é nossa. É de sua própria mãe, que não resolve de uma vez com qual de nós vai se casar e fica dando uma porção de desculpas. A última que ela inventou foi que ela precisava, antes de casar, tecer uma mortalha, um pano para envolver seu sogro Laertes, quando ele morresse. Penélope armou um enorme tear no seu quarto e durante quatro anos vem tecendo essa teia. Mas o trabalho não anda, não rende, não acaba. Pois bem, uma das escravas nos revelou que ela tece de dia, mas desmancha o que fez, durante a noite. O que você tem que fazer, já que sua mãe está viúva, é devolvê-la ao pai, e ela que resolva com quem vai casar. Enquanto Penélope não se decidir, nós vamos continuar na sua casa e vamos consumir todos os seus bens.

Telêmaco respondeu que não podia mandar sua mãe embora. E que eles é que tinham que sair de sua casa, que fossem banquetear-se uns na casa dos outros. E não continuassem com essa atitude, que ele iria pedir a Zeus que os castigasse:

— Quem sabe se vocês ainda vão morrer dentro do meu palácio, sem ter nem mesmo quem os vingue!

Assim que Telêmaco acabou de falar, apareceram duas águias voando juntas, de asas estendidas, seguindo a direção do vento. Elas haviam sido enviadas por Zeus como um aviso. Sobrevoaram a praça cheia de gente, e então, atracaram-se, dilacerando cada uma com suas garras a cabeça e o pescoço da outra.

Todos ficaram amedrontados, sem saber muito bem o que aquilo queria dizer.

Haliterses, um velho herói que costumava fazer profecias, tomou a palavra:

— Habitantes de Ítaca — ele disse — essas profecias que vou fazer dirigem-se especialmente aos pretendentes. Ulisses, que ficou tanto tempo fora, está voltando. Já deve estar tramando vingança contra os que tentaram tomar-lhe a mulher e arruinar-lhe a casa. Quando Ulisses partiu, eu previ que ele levaria vinte anos para voltar. Minhas profecias vão se cumprir agora.

Mas os pretendentes eram muito ousados. Um deles, Eurímaco, levantou-se e desacatou o velho profeta. Disse-lhe desaforos e insistiu em que Telêmaco precisava mandar a mãe de volta para a casa do pai, pois assim seria obrigada a escolher um deles.

Telêmaco, vendo que não ia conseguir nada daquele povo, pediu que lhe dessem uma embarcação com tripulação, para que pudesse dirigir-se a algumas cidades próximas, pois ele ainda queria tentar saber notícias de seu pai.

— Se me disserem que ele está vivo esperarei mais um ano. Mas, se me disserem que morreu, voltarei a Ítaca, prestarei honras fúnebres a ele e darei um esposo à minha mãe.

Os pretendentes não quiseram providenciar o barco para Telêmaco e foram ainda mais insolentes. Um deles chegou a dizer que, se Ulisses voltasse e resolvesse expulsá-los, podia até ser morto por eles.

A multidão dispersou-se e os pretendentes voltaram para a casa de Ulisses.

Mas Telêmaco contava com uma proteção muito poderosa.

Dirigiu-se a um canto deserto da praia, molhou as mãos na clara espuma do mar e chamou por Atena:

— Ó deusa que aqui estiveste comigo e me disseste que eu enfrentasse o mar para obter notícias de meu pai! Os aqueus não concordaram com meus projetos, principalmente os cruéis e ousados pretendentes a casar-se com minha mãe.

Mal acabou de pronunciar essas palavras e surgiu junto a ele Palas Atena, na figura de Mentor, grande amigo de Ulisses:

— Telêmaco, não serás fraco e nem covarde. Teus projetos serão levados a cabo, pois eu te ajudarei. Volta

para casa. Ajunta mantimentos sem que te vejam. Prepararei um navio, arranjarei tripulação e irei contigo.

Telêmaco rapidamente voltou para casa, onde encontrou os insolentes pretendentes ocupados em preparar novos banquetes.

Alguns caçoavam dele abertamente, mas o rapaz estava disposto a cumprir seus planos. Então, dirigiu-se a um aposento de teto alto, muito bem trancado por duas portas com duplo ferrolho, onde estavam guardados os tesouros de Ulisses: pilhas de ouro e de bronze, arcas com roupas, óleo perfumado e bojudos potes de barro cheios do melhor vinho.

Ali ficava de guarda, dia e noite, a escrava Euricléia, que tinha sido a ama de Telêmaco.

Ele então pediu a ela para preparar as provisões e contou-lhe sobre seus planos.

Euricléia ficou muito assustada, mas concordou em guardar segredo até mesmo de Penélope.

Enquanto isso, Atena, a deusa dos olhos glaucos, disfarçada como se fosse Telêmaco, já tinha arranjado um barco com remadores; levou o barco para o porto e preparou-o para a longa viagem.

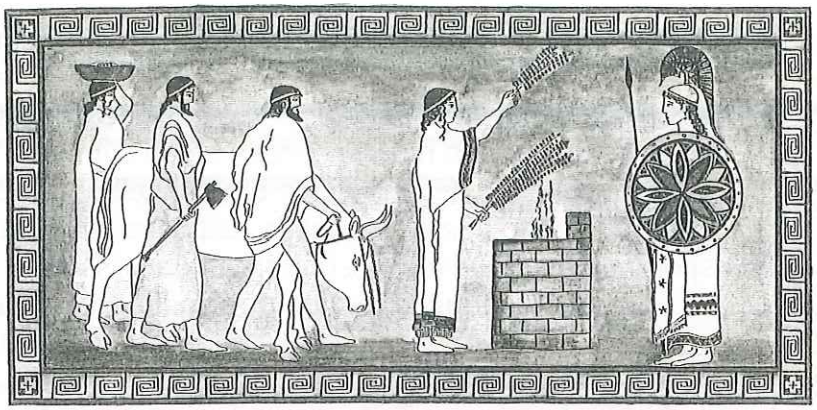
Além disso, dirigiu-se ao palácio e fez que os pretendentes tivessem muito sono e fossem dormir pela cidade.

Chamou Telêmaco, que fez embarcar suas provisões.

Atena embarcou também e sentou-se atrás. Telêmaco sentou-se ao lado dela.

Os companheiros desataram as amarras, tomaram seus lugares e Atena, de verdes olhos, fez soprar um vento favorável, o forte Zéfiro.

Levantaram o mastro e içaram a branca vela, que o vento logo empurrou, e partiram, deslizando rapidamente em direção a seu destino.



3

Quando amanheceu, o barco estava chegando a Pilo, onde Telêmaco e seus companheiros encontraram uma grande festa.

Era muito comum, antigamente, que as pessoas de várias religiões sacrificassem animais em honra dos deuses. Era uma espécie de churrasco, só que tinha regras, o jeito de matar os animais, os pedaços que deviam ser servidos antes, e tudo isso era dedicado aos deuses.

Pois eles encontraram uma festa dessas logo na praia.

O rei do lugar chamava-se Nestor e estava lá, presidindo à festa.

Telêmaco e Atena dirigiram-se a Nestor, apresentaram-se e o rapaz explicou que estava ali para conseguir notícias de Ulisses.

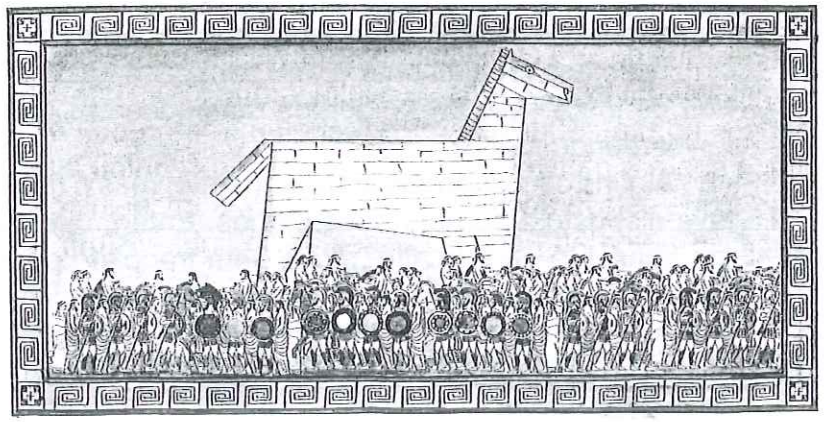
Nestor contou a Telêmaco que, mesmo depois da guerra de Tróia terminar, os gregos tiveram problemas para voltar às suas cidades, pois Agamenon, comandante dos guerreiros, e Menelau, seu irmão, tinham opiniões diferentes quanto à volta. Isso causou muitos incidentes, de maneira que ele, Nestor, perdeu Ulisses de vista e não sabia informar se ele teria já voltado.

De toda forma, Nestor, sem desconfiar que Mentor fosse na verdade Palas Atena, desejou a Telêmaco que Ate-

na o protegesse como tinha protegido seu pai. Recomendou-lhe que voltasse para casa, para que não acontecesse com ele o que tinha acontecido na casa de Agamenon, assassinado por sua própria esposa e seu cúmplice Egisto. Em todo caso, deu-lhe ainda um conselho: ir à Lacedemônia, o outro nome de Esparta, encontrar Menelau, na esperança de que ele tivesse notícias de Ulisses.

Na manhã seguinte Nestor, que finalmente havia reconhecido Atena, ofereceu a ela grande sacrifício de uma novilha com os chifres cobertos de ouro.

Então, forneceu a Telêmaco um carro com os melhores cavalos atrelados e mantimentos para a viagem. Seu próprio filho acompanhou Telêmaco, que, sem mais demora, iniciou a viagem à Lacedemônia, em busca de Menelau.



4

Quando os dois rapazes chegaram ao palácio do rei de Esparta, havia uma grande festa: era o casamento dos dois filhos de Menelau. Foram recebidos com muita consideração, como era costume, sem que ninguém lhes perguntasse nem mesmo seus nomes. Mas, durante a conversa, Menelau começou a contar fatos da guerra de Tróia, e citou, com muita amizade, o nome de Ulisses.

Telêmaco ficou comovido e enxugou os olhos no manto.

Helena, a rainha de Esparta, observava os hóspedes e desconfiou que aquele rapaz fosse o filho de Ulisses.

Pisístrato, o filho de Nestor, confessou que aquele era mesmo Telêmaco, e contou que o rapaz tinha vindo ver Menelau a fim de se aconselhar com ele, já que a situação em Ítaca estava muito complicada. Além disso, eles queriam saber se Menelau tinha notícias de Ulisses.

Todos se entristeceram por pensar na infelicidade de Ulisses, que não conseguia voltar para casa, mas então Helena começou a contar que, durante a guerra, Ulisses uma vez tinha se vestido de mendigo e tinha conseguido entrar em Tróia. Ela, Helena, o havia reconhecido e acolhido em sua casa. E Ulisses tinha lhe contado seu plano de trazer o cavalo de madeira para dentro das muralhas.

E então Menelau lembrou que, quando os gregos esta-

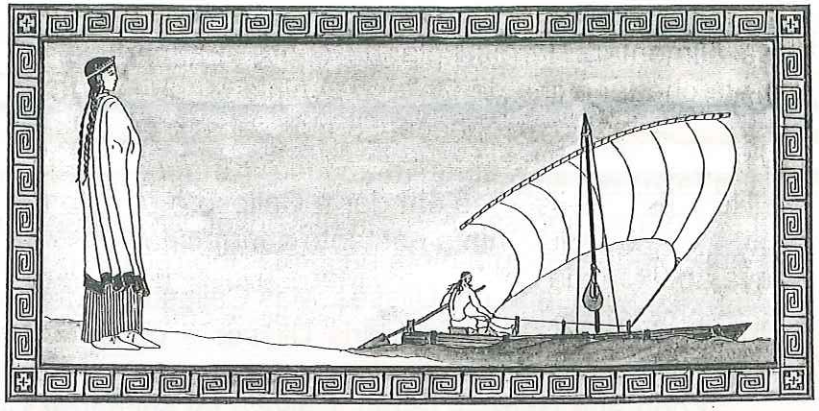
vam dentro do cavalo de madeira, puderam ouvir a voz de Helena, que de fora chamava por eles. Assim, conversando e contando histórias, todos se acalmaram e foram dormir.

Só no dia seguinte é que Menelau interrogou Telêmaco sobre o motivo de sua visita. O rapaz contou a ele tudo o que estava acontecendo em Ítaca, e pediu-lhe que dissesse a verdade sobre Ulisses, se o tinha visto morrer ou se sabia que ele estava vivo. Menelau indignou-se com a atitude dos pretendentes e jurou que diria toda a verdade sobre Ulisses. Contou então que, quando estava voltando para casa, também tinha tido dificuldades, pois os deuses o haviam retido por diversas vezes.

Uma dessas vezes tinha sido na ilha de Faros, onde os deuses o retiveram negando-lhe ventos favoráveis para a partida. Teve ocasião, então, de falar com um ancião do mar, Proteu, servo de Poseidon. Proteu lhe revelou que Ulisses estava vivo, retido na ilha da ninfa Calipso, sem navio e sem companheiros, sem poder voltar ao mar.

Enquanto isso, em Ítaca, os pretendentes continuavam suas pilhagens, suas brincadeiras e seus jogos. Então Frônio, que havia emprestado a nau a Telêmaco, apareceu no palácio, sem suspeitar que os pretendentes não sabiam da viagem de Telêmaco, e lhes perguntou quando o rapaz voltaria. Antínoo e Eurímaco, que de certa forma chefiavam o grupo, ficaram furiosos, porque não tinham consentido na viagem.

Planejaram então preparar um navio e armar uma cilada para quando Telêmaco voltasse. Entretanto, um arauto fiel a Penélope escutou toda a conversa e contou à rainha o que estava sendo tramado. Penélope também não sabia da viagem de Telêmaco e ficou desesperada. Mas Euricléia, a escrava, fez que ela rezasse a Palas Atena e pedisse proteção para seu filho. Penélope adormeceu e a deusa mandou-lhe um sonho para acalmá-la.



5

Novamente a Aurora surgia no horizonte e novamente os deuses estavam reunidos.

Atena lembrava a Zeus, seu pai, como Ulisses tinha sido um bom rei para todos de Ítaca. E no entanto, como recompensa, estava sendo vítima de tantos problemas que não conseguia voltar para casa. Além disso — contava ela — seu filho Telêmaco, que tinha ido buscar notícias do pai em Pilo e na Lacedemônia, era esperado pelos pretendentes de Penélope com uma cilada.

Zeus então respondeu:

— Minha filha, por que dizes estas palavras? Não foste tu que imaginaste um plano para que Ulisses se vingasse dos seus inimigos?

E chamou na mesma hora por Hermes, para que ele levasse um recado dele a Calipso, a ninfa de belas tranças. O recado de Zeus era que Ulisses deveria ser libertado e partir sozinho, numa jangada, para a terra dos feácios.

Hermes imediatamente calçou suas sandálias, que o levaram por sobre o mar e por sobre a terra tão depressa como o hálito do vento. Pegou seu bastão, que tinha o poder de adormecer os homens, e voou por sobre o monte Olimpo até atingir o mar.

Então, como uma gaivota que procura pelo peixe para se alimentar, Hermes planou sobre a superfície do mar até chegar à ilha de Calipso. A ninfa recebeu-o muito bem, pois logo o reconheceu. E quis saber o que ele vinha fazer em sua ilha.

Hermes apressou-se em dar a Calipso o recado de Zeus, o que deixou a ninfa bastante aborrecida, pois ela estava apaixonada por Ulisses. Mas Calipso não teve remédio: prometeu que ajudaria Ulisses a construir uma jangada para ir embora.

Logo que Hermes partiu, Calipso foi encontrar Ulisses, que, como todos os dias, estava na praia, sentado nos rochedos, chorando sua amarga sorte e sua saudade de Ítaca, da mulher e do filho.

Calipso comunicou-lhe que estava disposta a deixá-lo partir, que ele devia construir uma jangada muito bem-feita e com ela atravessar o mar. No início Ulisses ficou desconfiado, ele que já tinha passado por tantos problemas e por tantos perigos!

Não estaria Calipso armando para ele mais uma cilada?

Mas depois animou-se e, no dia seguinte, guiado pela ninfa, dirigiu-se a um bosque onde havia grande quantidade de árvores antigas, de madeira forte, amieiros, álamos e abetos em condições de serem utilizados para a construção de uma embarcação. Com o machado de bronze e a enxó que a ninfa tinha dado a ele, Ulisses em pouco tempo construiu uma sólida jangada.

Calipso ainda lhe deu o linho para confeccionar a vela, e, quando a jangada ficou pronta, colocou nela vinho e alimentos.

Então, fez que soprasse um vento suave.

Ulisses levantou a vela, que logo se enfunou, e, com os olhos nas estrelas que o guiariam, partiu.

Dezessete dias Ulisses navegou. No décimo oitavo dia, divisou os montes da costa da terra dos feácios.

Mas Poseidon, neste momento, vinha voltando da África, onde tinha ido receber um sacrifício. De longe, conseguiu enxergar a jangada de Ulisses.

Já sabemos que Poseidon tinha horror a Ulisses. Chamou então as nuvens e os ventos e, com o tridente, agitou o mar. Em poucos minutos fez cair uma tempestade terrível.

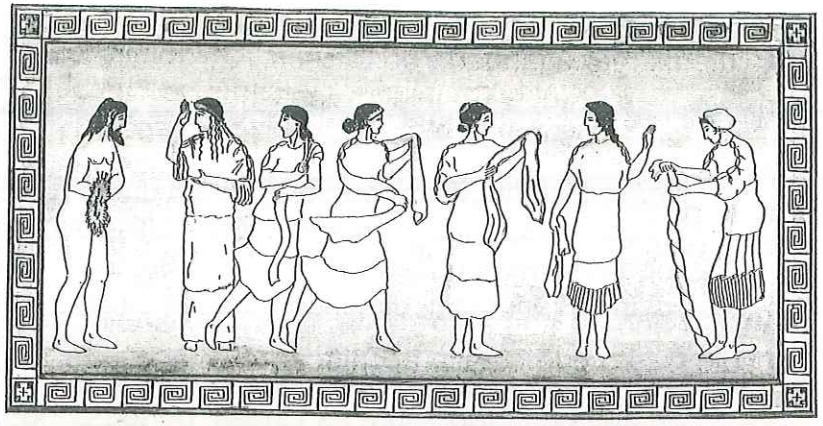
Ulisses foi jogado de um lado para outro, a jangada começou a se despedaçar.

Do fundo do mar, entretanto, uma deusa chamada Leocótea viu o que estava acontecendo e teve pena do nosso herói. Tomou a forma de uma gaivota, decerto para não ser vista por Poseidon, e pousou numa trave da jangada. Disse então a Ulisses que despisse a roupa que ele vestia, pois estava muito molhada e pesada, e pusesse no peito um manto que ela lhe emprestou. Então se atirasse à água e nadasse até a terra.

Assim fez Ulisses; Poseidon bem que viu nosso herói nadando, mas resolveu, por essa vez, deixá-lo em paz.

Depois de muito esforço, Ulisses acabou localizando a foz de um rio, por onde conseguiu penetrar e alcançar a terra.

Encontrou um lugar protegido entre as raízes de uma árvore, cobriu-se de folhas e, finalmente, adormeceu e descansou de tamanho sacrifício.



6

Ulisses tinha chegado à terra dos feácios, cujo rei era Alcino. A filha do rei era Nausícaa, uma linda jovem.

Palas Atena, que continuava tomando conta de Ulisses, dirigiu-se ao palácio, entrou no quarto de Nausícaa, que estava dormindo, e a fez sonhar com uma amiga que lhe dizia que ela devia lavar suas roupas, que estavam jogadas, em desordem.

Na verdade, o que Palas Atena queria era que a moça fosse para o local onde as pessoas costumavam lavar roupas, para descobrir Ulisses e trazê-lo para o palácio. Realmente, Nausícaa acordou e resolveu cuidar de suas roupas e das roupas de outras pessoas do palácio.

Arranjou um carro de altas rodas, reuniu algumas escravas, abasteceu o carro com comidas e bebidas e partiu para a beira do rio perto do qual Ulisses estava descansando.

Chegando lá, Nausícaa e suas companheiras lavaram toda a roupa com cuidado e a estenderam para secar.

Então, todas as moças se banharam, depois comeram e beberam e finalmente resolveram jogar bola.

Jogaram bastante, até que uma bola foi cair no rio e as moças começaram a gritar, com medo de perdê-la.

Ulisses, com a gritaria, acordou e ficou assustado:

— Onde será que eu vim cair?

Mas ele logo distinguiu vozes de moças. Então, saiu de onde estava escondido e foi ver de quem eram as vozes.

Ulisses estava maltratado por suas aventuras no mar, estava mesmo de meter medo. Ao vê-lo, as moças saíram todas correndo.

Mas Nausícaa, inspirada por Palas Atena, permaneceu e não teve medo de Ulisses, que logo começou a se explicar, a elogiar a beleza da moça e a contar sua desgraça, os vinte dias que tinha passado no mar e pediu a ela que lhe arranjasse alguma roupa, já que estava nu, coberto apenas por um galho cheio de folhas.

Nausícaa chamou as escravas, mandou que dessem óleo para que ele se banhasse e roupas, para que se vestisse.

A filha de Zeus fez que ele parecesse muito bonito, forte e imponente e Nausícaa ficou encantada com ele. Mandou que lhe dessem de comer e de beber.

Disse-lhe que estava na Esquéria, a pátria dos feácios, onde seus pais eram os reis.

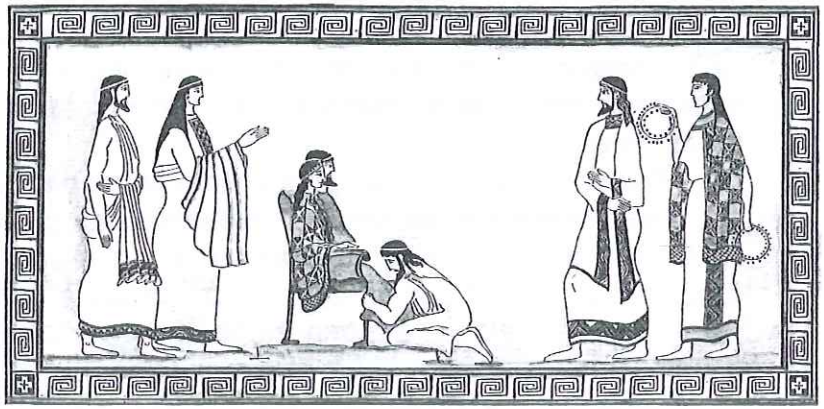
Resolveu levar Ulisses para o palácio de seu pai.

Mas Nausícaa temia que pensassem mal dela, por estar em companhia daquele homem desconhecido.

Então, levou-o primeiro a um pequeno bosque perto da cidade e deu-lhe instruções para ir para o palácio depois dela.

Novamente Ulisses se encontrou sozinho, entre desconhecidos, temendo pelo que podia lhe acontecer.

Novamente dirigiu-se aos poderosos deuses, pedindo-lhes proteção, enquanto esperava que se passasse algum tempo até que pudesse entrar na cidade e dirigir-se ao palácio real. Chamou por Palas Atena, que o ouviu mas não lhe apareceu, por medo de Poseidon, seu tio, que continuava com raiva de Ulisses e assim continuaria até que nosso herói chegasse à sua terra natal.



7

Depois de algum tempo, quando calculou que Nausícaa já teria chegado ao palácio, Ulisses resolveu dirigir-se à cidade.

Sua protetora, Atena, cercou-o com uma nuvem, a fim de que ninguém o visse, e ainda apareceu sob a forma de uma jovem que se ofereceu para guiá-lo até o palácio.

Recomendou-lhe que não falasse com ninguém, pois as pessoas daquela ilha não suportavam estrangeiros.

Ulisses foi caminhando atrás da deusa. Viu toda a cidade, viu o porto com seus navios, viu as ágoras onde as pessoas se reuniam e viu muita gente. Mas não foi visto por ninguém, pois Atena não consentiu.

Então, na porta do palácio, a deusa disse a Ulisses que entrasse sem medo e se dirigisse à rainha Arete. Disse também que, se ela o acolhesse, tudo estaria bem e ele poderia voltar à sua pátria.

O palácio era muito lindo e cercado por belos pomares.

No corredor da entrada estavam sentados os chefes feácios, comendo e bebendo. Ulisses contemplou a mansão por algum tempo. Depois, decidido, entrou. Passou pelos chefes, invisível graças à espessa nuvem em que estava envolto, até que chegou à presença do rei Alcino e da rainha Arete.

Ulisses adiantou-se e abraçou os joelhos da rainha, pois esse era um costume grego: quando alguém queria pedir ou suplicar alguma coisa a uma pessoa, abraçava-se aos joelhos dela.

Nesse instante, dissipou-se a nuvem que o protegia.

Todos se espantaram quando viram Ulisses na sala. Mas logo ele começou a falar com a rainha como os gregos costumavam fazer, dirigindo grandes elogios a ela e à sua família, e, ao mesmo tempo, falando de seus infortúnios e de seu desejo de chegar à própria casa.

Sentou-se então sobre as cinzas, perto do fogo.

O rei Alcino tomou o hóspede pela mão e fez que ele se sentasse numa das poltronas, o que era um gesto de muita consideração.

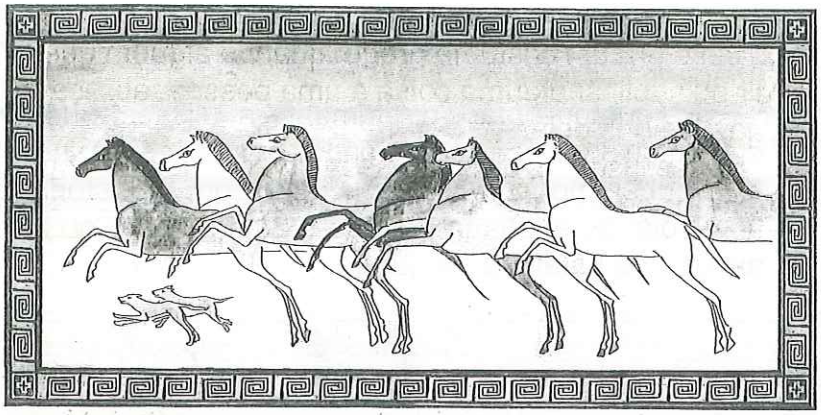
As escravas lavaram suas mãos e lhe ofereceram bebidas e comidas.

Serviram vinho aos presentes e então Alcino pediu que fossem todos dormir em suas casas, pois prepararia para o dia seguinte uma grande festa para honrar seu hóspede. Alcino, como todos os gregos naquela época, sempre que via um estrangeiro ficava imaginando se ele não seria um dos deuses, e por isso o tratava muito bem.

Mas Ulisses lhe disse que não passava de um simples mortal e que seu único desejo era voltar para casa. Contou-lhe os últimos acontecimentos de sua viagem, sem no entanto dizer quem era.

Alcino prometeu que o mandaria para casa num navio com ótimos remadores.

Então, prepararam um leito para Ulisses e foram todos dormir.



8

Logo que a Aurora surgiu no horizonte Alcino, rei dos feácios, e Ulisses, saqueador de cidades, levantaram-se e dirigiram-se à ágora, que ficava perto do porto.

Palas Atena tomou a forma de um arauto e foi procurar os chefes feácios, convidando-os a ir encontrar o rei e aquele estrangeiro que — ela dizia — até parecia um deus.

Logo a praça ficou cheia de gente.

Então Alcino tomou a palavra e disse a todos que ali estava um estrangeiro que ele nem conhecia e que queria retornar à sua pátria.

— Vamos armar um navio, escolher cinqüenta e dois jovens para compor a tripulação e levar nosso hóspede para casa. Depois vamos preparar uma grande festa com muita comida para todos.

Enquanto os jovens preparavam o navio, Alcinó convidou os reis presentes a irem ao seu palácio e mandou ainda que o arauto fosse buscar um aedo para distraí-los.

Depois do navio preparado, os jovens também se dirigiram ao palácio, onde os preparativos para a festa estavam em andamento.

Logo chegou o arauto, que na verdade era Palas Atena disfarçada, acompanhando o aedo Demódoco, que trazia consigo sua lira.

Depois que todos comeram e beberam, o aedo começou a cantar. E a canção que ele escolheu falava sobre a disputa entre Aquiles e Ulisses, que tinha acontecido durante a guerra de Tróia.

Ulisses, comovido, começou a chorar e escondeu o rosto com seu manto. A única pessoa que reparou nisso foi Alcino. Ele propôs então que saíssem todos e fossem para a ágora, onde teriam lugar os jogos.

Muitos jovens participaram das provas, que começaram pela corrida. Depois houve uma luta e em seguida a prova dos saltos. Houve ainda lançamento de disco e pugilato, que era uma espécie de luta de boxe.

O filho de Alcino, Laodamante, convidou então Ulisses para participar dos jogos, mas Ulisses agradeceu e disse que estava muito preocupado com a volta para casa e não queria tomar parte.

Um dos jovens, Euríalo, começou a caçoar de Ulisses, duvidando de que ele tivesse conhecimento de esportes, insinuando que ele devia ser um mero comerciante:

— Você não parece um atleta!

Ulisses se aborreceu muito com essas palavras.

Então, tomou nas mãos o maior de todos os discos, que eram feitos de pedra, e o atirou muito além das marcas que os outros jogadores tinham alcançado.

Depois, desafiou todos os jovens, menos Laodamante, filho de Alcino, que o estava hospedando, para se medirem com ele em qualquer dos esportes. E afirmou que ganharia de qualquer um.

Apenas na corrida ele não estava certo de vencer, pois tinha passado por muitas provações a bordo de sua jangada.

Ficaram todos muito contrafeitos. Então Alcino levantou-se e começou a falar, dizendo que ninguém devia se sentir ofendido com o que Ulisses tinha dito e que os feácios, na verdade, eram ótimos nas corridas e na navegação. E além disso, eram exímios cantores e dançarinos.

— Nós sempre gostamos das festas, da cítara, da dança, das roupas novas, de banhos quentes e do leito! Que comecem as danças, para que nosso hóspede possa contar na sua terra como os feácios são bons na corrida, na navegação, nas danças e no canto! Tragam a lira de Demódoco, que ficou no palácio!

O arauto trouxe a lira e o aedo começou a cantar. Contou a história dos amores de Afrodite e Ares, que agradou a todos.

Depois, Hélio e Laodamante dançaram e foram elogiados por Ulisses.

Ulisses ganhou muitos presentes, e Euríalo, que o tinha ofendido, não só lhe pediu desculpas como também lhe deu um lindo presente.

Todos voltaram ao palácio e a festa prosseguiu. Demódoco continuou a cantar, e então Ulisses lhe pediu que cantasse a história do cavalo de madeira que Ulisses havia introduzido em Tróia, cheio de guerreiros, que saquearam Ílion.

Demódoco começou a contar a história de como alguns gregos incendiaram suas tendas para fingir que iam embora, embarcaram em suas naus e se afastaram da praia, enquanto um grupo de soldados estava escondido dentro de um enorme cavalo de madeira.

Contou como os troianos puseram o cavalo dentro das muralhas e das discussões que travaram, porque uns queriam transpassar o cavalo com suas espadas, outros queriam jogar o cavalo de um precipício e outros ainda queriam aceitar o cavalo como uma oferenda que agradaria aos deuses. Venceu essa opinião, e o cavalo levou aos troianos destruição e morte.

E contou como Menelau e Ulisses travaram, dentro das muralhas, um terrível combate do qual saíram vencedores.

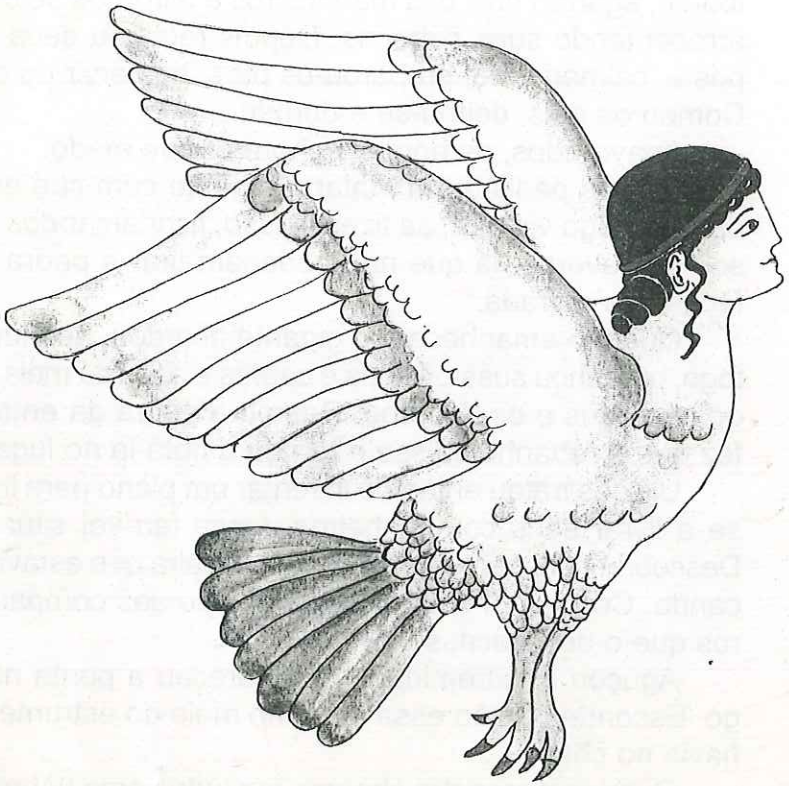
À medida que o cantor ia cantando essa história, Ulisses ia ficando cada vez mais emocionado. As lágrimas corriam por suas faces. Mais uma vez Alcino percebeu

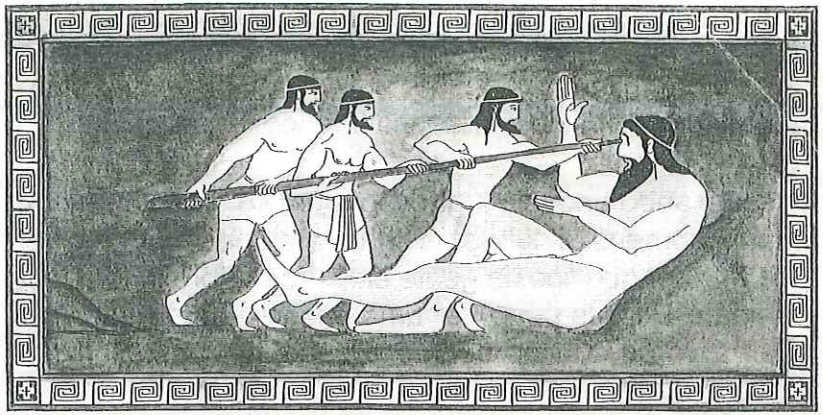
seu pranto e mandou que o aedo se calasse, pois seu hóspede estava sofrendo com a canção.

Perguntou então, diretamente a Ulisses, quem ele era, quem eram seus pais e onde era sua pátria. E perguntou também por que ele sofria tanto com as histórias sobre Tróia, se ele tinha perdido algum parente ou algum amigo nas batalhas da guerra.

Parte II

Na qual Ulisses conta suas aventuras nos mares desde que saiu de Tróia até chegar à terra dos feácios





9

Ulisses contou então a sua história.

Contou que era Ulisses, filho de Laertes e rei da ilha de Ítaca, aquela que se avista de longe. Contou como lutou em Tróia, ao lado do exército grego. E como, quando deixou Tróia, com seus homens e seus navios, foi aportar no país dos cícones, em Ísmaros.

Para falar a verdade, os homens de Ulisses, que vinham da guerra, ainda tinham vontade de lutar e foram logo atacando as cidades dos cícones, que estavam sem defesa. Só que depois de algumas vitórias e de terem saqueado algumas populações, a sorte mudou e eles foram derrotados; muitos soldados morreram e eles tiveram que fugir nos seus navios. Navegaram alguns dias e chegaram a um lugar estranhíssimo, onde as pessoas comiam flores de lótus e eram chamadas de lotófagas. Essas flores provocavam uma sensação tão grande de felicidade que alguns homens, depois de comê-las, acharam ótimo e não quiseram mais ir embora. Ulisses mandou que os prendessem dentro dos navios e tratou de sair daquele lugar.

Depois de muito navegar, chegaram à terra dos ciclopes, gigantes enormes de um olho só que viviam em grutas e não precisavam plantar nada, pois tudo crescia nesse lugar, sem que se precisasse plantar.

Eles então pararam numa pequena ilha perto da ilha dos ciclopes. Descansaram, comeram à vontade, pois ali havia grandes rebanhos de cabras, e beberam do vinho que ainda havia nos navios.

Ulisses resolveu deixar a maior parte de seus homens descansando naquele lugar. Com um só navio e apenas alguns homens, dirigiu-se à ilha, para conhecer os ciclopes e saber que tipo de gente eles eram. Aproximaram-se da ilha e Ulisses pôde ver uma caverna sombreada por altas árvores. Muitas cabras e carneiros pastavam em volta, e quem tomava conta do rebanho era um dos gigantes de um olho só. Ele parecia viver longe dos outros.

Ulisses escolheu doze companheiros para acompanhá-lo. Levou um saco de provisões e um odre do melhor vinho que ele tinha. Quando chegaram à caverna não havia ninguém, pois o gigante estava fora, tomando conta do rebanho.

Dentro da caverna, que era muito grande, havia muitos estábulos, com filhotes de várias idades. As prateleiras estavam cheias de queijos. Os companheiros de Ulisses quiseram logo se apossar de alguns cabritos e queijos e fugir dali o mais depressa possível.

Mas Ulisses achou que ainda podia receber presentes de hospitalidade e resolveu esperar pelo dono da casa. Ficaram então por ali, comendo os queijos do gigante e esperando sua volta.

Quando o gigante apareceu, trazia seu rebanho e um enorme feixe de lenha, que jogou no chão, causando um barulho tão assustador que os homens correram todos para o fundo da gruta, amedrontados.

O ciclope tapou a entrada da gruta com uma pedra enorme e pesadíssima. Sentou-se e começou a ordenhar as ovelhas e as cabras. Quando acabou, acendeu o fogo e então se deu conta da presença dos homens.

— Quem são vocês? — gritou com sua voz poderosa. — De onde vêm sulcando os úmidos caminhos?

Ulisses ficou apavorado com sua voz e seu ar ameaçador, mas adiantou-se e respondeu, dizendo que eram gregos que voltavam de Tróia e que suplicavam que ele os respeitasse como hóspedes, em nome de Zeus.

O ciclope respondeu caçoando, dizendo que eles, os ciclopes, eram mais fortes do que qualquer deus e que ele não ia poupar ninguém. Perguntou em seguida onde estava a nau que os trouxera. Estava claro que as intenções dele eram as piores, e por isso Ulisses respondeu que Poseidon tinha destruído o navio.

Então, sem dizer uma única palavra, o gigante levantou-se, agarrou dois dos marinheiros e atirou-os ao chão, arrebentando suas cabeças. Depois retalhou seus corpos e, calmamente, preparou-os para lhe servir de ceia. Comeu os dois, deitou-se e dormiu.

Apavorados, os homens choraram de medo.

Ulisses pensou em matar o gigante com sua espada, mas logo viu que, se fizesse isso, ficariam todos presos na caverna, já que não poderiam tirar a pedra que fechava a entrada.

Quando amanheceu, o gigante acordou, acendeu o fogo, ordenhou suas ovelhas e cabras e agarrou mais dois dos homens e os devorou. Retirou a pedra da entrada, fez que o rebanho saísse e tornou a botá-la no lugar.

Ulisses tratou então de inventar um plano para livrar-se e livrar seus companheiros dessa terrível situação. Descobriu num canto um tronco de oliveira que estava secando. Cortou um bom pedaço e pediu aos companheiros que o descascassem.

Aguçou a extremidade e endureceu a ponta no fogo. Escondeu então essa arma no meio do estrume que havia no chão.

Quando o monstro chegou, fez tudo como tinha feito na véspera, inclusive devorar mais dois dos homens.

Ulisses então chegou junto dele e lhe ofereceu uma gamela cheia do vinho que ele tinha trazido.

O gigante bebeu rapidamente e pediu mais, dizendo que daria a Ulisses um presente de hospitalidade por

causa do vinho, que era muito bom. Por três vezes o ciclope esvaziou a gamela.

Então perguntou a Ulisses seu nome.

Ulisses, o mais astuto dos gregos, respondeu:

— Ninguém! Ninguém é meu nome.

— Pois bem! — disse o gigante. — Você será o último a ser devorado! Este será meu presente de hospitalidade!

Mas ele estava muito bêbado e caiu de costas, dormindo profundamente.

Mais que depressa, Ulisses pôs em prática seu plano. Com a ajuda dos companheiros, desenterrou o enorme espeto que tinha preparado e pôs a ponta do espeto no fogo, até que ficou em brasa.

Então, todos juntos, enterraram com força aquele tição no olho do ciclope, e giraram e giraram e forçaram para dentro até que boa parte do espeto ficou enterrada.

O gigante soltou um tremendo berro, levantou-se com dificuldade e arrancou o tição do olho.

Começou então a gritar e a chamar pelos outros ciclopes, que logo chegaram de todos os lados da ilha e se reuniram em frente à caverna, perguntando:

— O que aconteceu?

— Quem foi que te fez mal?

— Responde, Polifemo — este era o nome do monstro.

E o ciclope, de dentro da caverna, respondia:

— Ninguém! Ninguém está me matando! Ninguém!

Os companheiros dele não entenderam nada e responderam:

— Se ninguém está te matando, deves ter algum mal causado por Zeus. Chama Poseidon, nosso pai, para que o socorra!

E foram embora.

O monstro, louco de dor, retirou a pedra que fechava a gruta e sentou-se na saída, estendendo os braços em todas as direções para que nenhum dos homens fugisse.

Ulisses, então, amarrou as ovelhas e as cabras de três em três e debaixo de cada grupo de animais prendeu um

dos seus homens. Ele mesmo escolheu o maior de todos os animais e agarrou-se embaixo, segurando firmemente.

Ulisses sabia que o ciclope deveria levar os animais para pastar.

Realmente, logo amanheceu e o gigante começou a deixar que os animais saíssem, sempre passando a mão pelo dorso de cada um, temendo que os homens escapassem montados neles.

Foram todos saindo até que Ulisses, o inventador de artimanhas, saiu, por sua vez.

Desprenderam-se todos dos carneiros e rumaram para o navio, empurrando ainda alguns animais.

Imediatamente embarcaram os carneiros de lindo pêlo e partiram o mais rapidamente possível.

Quando o navio já estava a alguma distância, mas ainda dava para o monstro ouvir sua voz, Ulisses começou a gritar desafiadoramente:

— Ciclope, você abusou da hospitalidade e devorou meus companheiros. Mas Zeus o fez pagar por seus pecados.

O ciclope, que já estava danado, ficou ainda mais furioso! Arrancou uma enorme pedra de um morro e arremessou em direção ao barco.

A rocha caiu a pouca distância do navio e provocou um redemoinho, arrastando a nau para perto da praia. Mas os homens remaram com força e conseguiram afastar bastante a embarcação.

Só que Ulisses ainda não estava contente.

Queria que o ciclope soubesse quem é que o tinha ferido. Embora os homens tentassem dissuadi-lo de fazer isso, ele ainda gritou:

— Ciclope, se alguém perguntar a causa de sua cegueira, diga que o culpado foi Ulisses, o saqueador de cidades! Ulisses, filho de Laertes, que tem sua casa em Ítaca.

O gigante respondeu, fingindo-se arrependido:

— Pobre de mim! Cumpriu-se a antiga profecia segundo a qual eu perderia a visão por culpa de Ulisses. Mas vol-

te, Ulisses, que eu lhe darei muitos presentes e recomendarei a Poseidon, meu pai, que o reconduza à sua terra.

Mas Ulisses não se deixou enganar e continuou gritando com o infeliz:

— Eu gostaria que você morresse e fosse parar no inferno. Nem mesmo Poseidon, o sacudidor de terras, poderá curá-lo!

Então o gigante levantou as mãos para o céu e invocou seu pai:

— Poseidon, portador da Terra, deus dos cabelos anelados. Não deixes que esse Ulisses jamais consiga voltar à sua terra. Mas, se voltar, que leve muito tempo. Que ele perca todos os seus homens, chegue em navio estranho e encontre sua casa ameaçada por muitos problemas!

Poseidon ouviu seu filho. Ergueu uma rocha enorme que atirou sobre o navio. A pedra não atingiu a nau, mas causou terrível agitação nas águas e arrastou-a para perto da costa novamente.

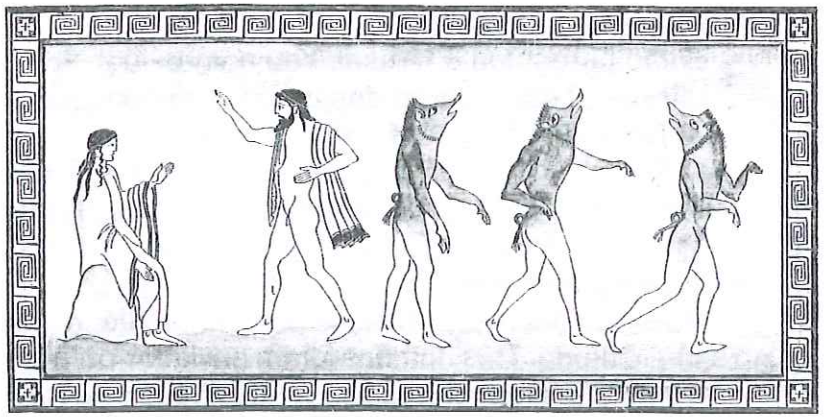
Mais uma vez os viajantes escaparam e dirigiram-se à pequena ilha onde o restante dos companheiros esperava.

Dividiram os animais entre todos e o maior deles, que coube a Ulisses, foi sacrificado a Zeus, deus das nuvens escuras, filho de Cronos, o Tempo, que reina sobre todos os seres.

Mas Zeus não aceitou o sacrifício de Ulisses.

Não sabemos como foi que Ulisses percebeu isso. Mas, para os gregos, qualquer acontecimento podia servir como presságio. Por exemplo: se a fumaça da oferenda subisse diretamente ao céu, isso podia ser sinal de que Zeus tinha aceitado o sacrifício; um vento que desfizesse a fumaça podia ser um sinal contrário.

No dia seguinte partiram da ilha, contentes por terem escapado da morte, mas, ao mesmo tempo, tristes por terem perdido tantos companheiros.



10

Depois de navegar durante alguns dias, os viajantes chegaram à Eólia, ilha flutuante onde morava Éolo, guardião dos ventos, e sua grande família.

Ulisses e seus homens foram muito bem-recebidos e lá ficaram durante um mês.

Quando resolveram partir, Éolo deu a Ulisses um enorme odre de couro onde estavam guardados todos os ventos perigosos. Ulisses amarrou o odre muito bem amarrado no porão do seu navio, que partiu com os melhores ventos ventando a favor.

Por nove dias e nove noites, sempre com ventos favoráveis, os navios foram atravessando os mares e Ulisses, que controlava as velas de sua nau, não dormiu um só momento. Quando já se podiam avistar as costas de Ítaca, o sono venceu nosso herói.

Então, enquanto Ulisses dormia, seus companheiros começaram a imaginar o que haveria dentro do odre, achando que Ulisses havia recebido um grande tesouro e não queria dividi-lo com eles. Abriram o odre e libertaram todos os ventos mais violentos e perigosos. A tempestade levou os navios de volta ao alto-mar, para longe de Ítaca. Eles foram arrastados novamente de volta à ilha Eólia.

Ulisses dirigiu-se ao palácio em busca de ajuda, mas Éolo e seus filhos expulsaram os homens da ilha.

— Zarpa já desta ilha — gritou Éolo. — Não darei ajuda a homens que são detestados pelos deuses!

Os navios saíram da ilha e todos os tripulantes ficaram muito abatidos. Depois de seis dias e seis noites chegaram à ilha dos lestrigões.

As naus ficaram encalhadas num local onde não havia ondas. Apenas o navio de Ulisses ficou fora do porto, preso a um rochedo. Três homens foram enviados para tomar informações sobre os habitantes da ilha.

Novo infortúnio esperava os viajantes: o rei dos lestrigões, um gigante pavoroso, assim que se encontrou com os homens e antes mesmo de ouvir o que diziam, agarrou um deles e o devorou.

Os outros correram para as naus o mais depressa que puderam, mas o rei já estava chamando os habitantes da ilha, todos gigantescos. Quando viram as embarcações, começaram a jogar grandes pedras sobre elas. Além disso, fisgavam os homens para comê-los, como se fossem peixes.

Vendo aquele horror, Ulisses cortou mais que depressa as amarras de sua nau. Procurou animar os companheiros, para que remassem com energia e conseguissem fugir.

Novamente Ulisses sentiu-se alegre por ter escapado com seu navio, mas, por outro lado, sentiu-se muito triste, pois todos os tripulantes dos outros navios estavam mortos.

Por dias e dias os viajantes navegaram, até que chegaram à ilha Eéia, onde vivia a misteriosa feiticeira dotada de linguagem humana, a legendária Circe.

Estavam todos exaustos. Descansaram por isso dois dias e duas noites. Então, com muito medo, um grupo de homens dirigiu-se ao palácio de Circe.

Ao chegar, viram que à volta do palácio havia lobos e leões, todos enfeitiçados, que se aproximavam deles

sem lhes fazer mal, como se fossem cães, e que eram, na verdade, marinheiros que tinham aportado um dia na ilha e haviam sido transformados em animais pela feiticeira.

Os homens tremiam de medo. Pararam na entrada do palácio e puderam ouvir uma voz muito linda, que vinha lá de dentro. Chamaram pela moradora, que logo apareceu na porta e convidou os viajantes a entrar. Todos, menos Euríloco, aceitaram o convite.

A misteriosa deusa recebeu-os muito bem, mandou que se sentassem e serviu-lhes uma bebida preparada por ela. Os homens beberam, sem desconfiar que era uma bebida enfeitiçada.

Então Circe tocou-os com sua varinha e os transformou em porcos, que prendeu em suas pocilgas.

Euríloco, apavorado, voltou ao acampamento para contar o que tinha acontecido.

Ulisses resolveu ir pessoalmente ver o que ainda podia fazer por seus homens. Estava quase chegando ao palácio quando encontrou um adolescente que, na verdade, era o deus Hermes. O rapaz preveniu Ulisses contra os sortilégios de Circe:

— A feiticeira vai te servir uma bebida maléfica. Mas vou te dar esta erva, que deves comer antes de entrar no palácio; ela vai te proteger contra os efeitos da beberagem. Depois Circe vai te tocar com sua varinha. Saca tua espada e ameaça matá-la. Circe vai convidar-te a partilhar seu leito. A uma deusa não se pode recusar esse pedido. Mas podes obrigá-la a prometer que soltará teus companheiros e os libertará dos encantamentos que ela lançou sobre eles. Também deves fazê-la prometer que não te fará nenhum mal enquanto dormires a seu lado, pois ela pretende privar-te de tua virilidade.

Hermes se foi e Ulisses dirigiu-se ao palácio, depois de ter comido a planta que ele lhe deu. Quando chegou à entrada, gritou pela deusa.

Circe abriu a porta reluzente e convidou-o para entrar, para sentar-se, e, como Hermes previra, serviu-lhe

uma bebida preparada por ela. Ulisses, sem medo, esvaziou a taça. Circe aproximou-se e tocou-o com sua varinha, dizendo:

— Vai! Vai juntar-te a teus companheiros na pocilga!

Ulisses desembainhou a espada e investiu contra a feiticeira, como se fosse matá-la. Amedrontada, ela abraçou-se a seus joelhos e começou a perguntar quem ele era e de onde vinha, e até convidou-o para ir ao seu leito, porque assim poderiam confiar um no outro.

Ulisses respondeu:

— Como podes querer que eu seja amável contigo, quando transformaste meus amigos em porcos e estás tramando fazer comigo uma maldade se eu for contigo para o teu leito? Só farei tua vontade se jurares não me fazer mal e libertar meus amigos do encanto que os transformou em porcos.

Circe atendeu aos pedidos de Ulisses e deu forma humana a todos os seus companheiros. Depois lhe disse que fosse buscar os outros marinheiros e os trouxesse para o seu palácio e ainda prometeu que os deixaria partir quando quisessem.

Durante um ano inteiro Ulisses e seus companheiros ali ficaram, comendo, bebendo e descansando. Então, Ulisses pediu a Circe que cumprisse sua promessa de deixá-los partir.

Circe disse a Ulisses que, antes de voltar a Ítaca, ele deveria ir ao inferno, à morada de Hades e Perséfone, para interrogar o cego Tirésias, único morto a quem Perséfone consentia que visse o futuro dos homens. Ulisses deveria interrogar Tirésias para saber o que iria lhe acontecer.

Os gregos acreditavam num inferno diferente do nosso. Para a morada de Hades iam todas as pessoas que morriam e não só as pessoas más.

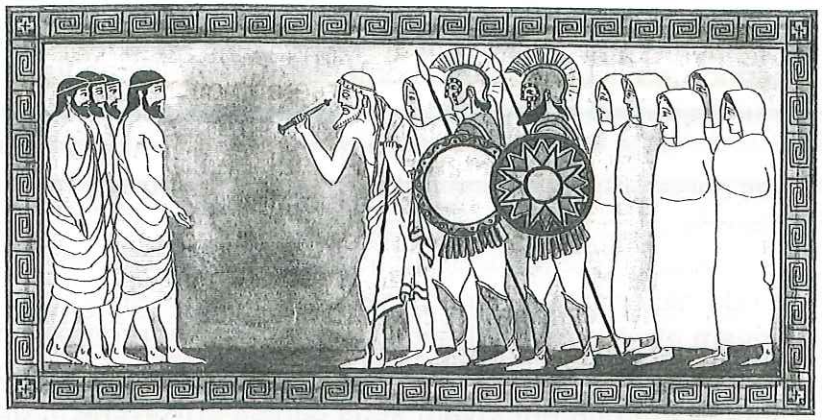
Mas, mesmo assim, Ulisses ficou apavorado, abatido, amedrontado. E perguntou a Circe quem iria guiá-lo nessa terrível viagem.

Circe respondeu:

— Ergue o mastro, desfralda a vela e o sopro dos ventos te levará até o fim do oceano, onde vais encontrar os bosques de Perséfone. Dirige-te à morada de Hades. Vais encontrar dois rios que despencam das rochas. Neste lugar cava um fosso quadrado, onde vais realizar uma cerimônia para chamar os mortos e, com eles, Tirésias, que vai prever o teu futuro. Em volta do fosso despeja primeiro leite e mel, depois vinho saboroso e então água. Espalha por cima farinha de cevada. Sacrifica um cordeiro e uma ovelha negra, cujo sangue deve correr para o fosso. As almas dos mortos virão, sedentas de sangue. Não consintas que os mortos bebam esse sangue antes que interrogues Tirésias.

Chegou então a Aurora e Ulisses foi procurar os companheiros para lhes dizer que iam partir, que não iriam ainda para casa, pois teriam que ir à morada de Hades. Enquanto preparavam a partida, todos, apavorados, se lamentavam por mais essa provação.

Circe, sem que os homens vissem, havia amarrado um cordeiro e uma ovelha negra no barco, para que Ulisses pudesse fazer o sacrifício que ela havia recomendado.



11

Os homens arrastaram a nau para a água. Levantaram o mastro e desfraldaram a vela, que se enfunou com o vento enviado por Circe. Choravam todos de medo. Durante todo o dia navegaram. E quando a noite baixou, a nau chegou finalmente aos confins da Terra, onde a bruma e as nuvens escondem o sol.

Encalharam a nau na areia e desembarcaram os animais.

Então, como Circe havia ordenado, cavaram a fossa e derramaram o leite, o vinho e a água. Por cima espalharam a cevada.

Ulisses degolou os animais e despejou o sangue na fossa. Invocou então os mortos, que vieram em grande número, e seu ruído sinistro deixou a todos pálidos de terror. Ulisses não permitiu que bebessem do sangue dos animais imolados até que viesse o tebano Tirésias.

Quando o adivinho chegou, com seu cetro de ouro, reconheceu Ulisses e fez as previsões sobre o futuro que o esperava.

Disse que Ulisses teria grande dificuldade em voltar para casa, pois Poseidon, o sacudidor da Terra, estava furioso por causa de seu filho Polifemo, que ele havia cegado.

— Mas — disse ainda — tu e teus companheiros poderão chegar à pátria se ao aportarem à ilha do Tridente não perturbarem os bois e os carneiros de Apolo, o Sol. Mas, se maltratarem os animais dele, embora tu escapes da morte, vais perder todos os teus companheiros. E vais chegar a teu lar em navio estranho e em tua casa encontrarás problemas.

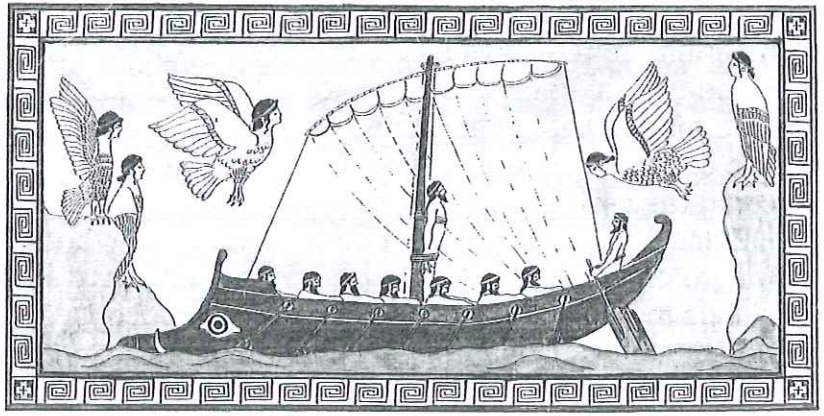
Então Tirésias se foi e as outras almas vieram beber do negro sangue. Veio a mãe de Ulisses que lhe disse que tinha morrido de saudade por ele e de preocupação. E vieram muitas mulheres que contaram suas histórias.

Vieram também os companheiros de Ulisses que haviam morrido na guerra. Veio Agamenon, que contou como morrera nas mãos de sua esposa e de seu amante; e veio Aquiles e vieram muitos heróis, todos aflitos e ansiosos por contar suas preocupações, que lembravam a Ulisses o seu passado.

Os homens puderam ver ainda Tântalo, que estava condenado a ficar de pé dentro de um lago, com a água chegando até sua boca, mas sem jamais poder bebê-la. E frutas se debruçavam sobre ele das árvores, mas ele jamais conseguia alcançá-las. E viram Sísifo, condenado a arrastar montanha acima uma enorme pedra, que, assim que chegava ao topo, despencava, obrigando-o a começar de novo seu trabalho, pois, dependendo do que o mortal tivesse feito em vida, assim seria sua vida no Hades.

Mas, de repente, Ulisses foi tomado de um pavor medonho, quando lembrou que a terrível Perséfone poderia mandar contra ele algum monstro, ofendida com a presença dele naquele lugar. Pensou mesmo na cruel górgona de cabelos de serpente, a Medusa, que, mesmo morta, poderia paralisá-lo apenas por olhar para ele.

Então, chamou os companheiros e juntos trataram de embarcar e sair dali, primeiro a poder de remos, depois levados por um vento favorável.



12

Voltaram então à ilha de Circe, para descansar de tão extraordinárias aventuras.

Circe veio encontrar os viajantes trazendo vinho, pão e carne, para que eles pudessem se recuperar.

A terrível feiticeira, dotada de linguagem humana, preveniu Ulisses do que iria acontecer no resto da viagem.

Então, embarcaram todos e seguiram, até que se aproximaram da ilha das sereias.

As sereias eram criaturas terríveis que atraíam os marinheiros com suas vozes maravilhosas. Todos que passavam perto delas acabavam se atirando ao mar, enlouquecidos pelo seu canto, e morriam afogados; na ilha restavam apenas os esqueletos, recobertos por peles ressequidas.

Ulisses fez como Circe lhe havia ensinado: amassou com as próprias mãos uma boa porção de cera, que foi amolecendo graças inclusive ao calor do sol. Tapou com a cera os ouvidos dos marinheiros. Mas antes lhes pediu que, depois que tivessem os ouvidos bem tapados, eles o amarrassem no mastro. Ulisses não tapou os próprios ouvidos, pois queria ouvir o canto das sereias.

Quando o vento parou e o mar se tornou liso como espelho, os homens recolheram a vela e começaram a

remar, cada vez com mais força. O barco foi se aproximando da ilha e Ulisses começou a ouvir lindas vozes, que pareciam chamá-lo.

— Vem, Ulisses, vem! Vamos te contar muitas e muitas coisas. Sabemos de tudo o que se passou em Tróia... Vamos te contar histórias maravilhosas!

Vocês já perceberam que os gregos gostavam muito de histórias. As sereias se aproveitavam disso e tentavam atrair os marinheiros que passavam, prometendo contar o que eles mais gostariam de ouvir ao mesmo tempo em que entoavam seus cantos envolventes, que tinham levado tantos marinheiros à morte.

Ulisses, fascinado, começou a fazer sinais para que seus homens o desamarrassem.

Dois marinheiros aproximaram-se dele, mas, em vez de desamarrá-lo, apertaram as cordas com mais força.

Muito depois, quando a ilha já estava longe, os marinheiros retiraram a cera dos ouvidos e desamarraram Ulisses.

Logo todos puderam ver, através da névoa, ondas enormes que arrebentavam com terrível fragor.

Os homens se assustaram com o ruído e Ulisses teve que animá-los, dizendo-lhes que se lembrassem do que havia acontecido na ilha dos ciclopes, dos graves problemas que haviam enfrentado, dos quais ele, Ulisses, os tinha livrado.

Ulisses tinha contado a todos o que iria acontecer na ilha das sereias. Mas não lhes disse o que estava por vir quando passassem entre os rochedos de Cila e Caríbdes.

Circe havia dito que, depois da ilha das sereias, eles iriam encontrar dois altíssimos rochedos, entre os quais teriam que passar.

De um lado, a meia altura da rocha, havia uma caverna muito profunda. Nessa caverna havia um monstro pavoroso de seis cabeças, Cila. Quando por ali passava algum navio, Cila saía do seu esconderijo e avançava sobre ele, devorando quantos marinheiros pudesse.

Do outro lado havia um sorvedouro terrível, Caríbdes, que engolia enormes quantidades de água, puxando os navios que passavam para o abismo. Depois vomitava a água toda, o que provocava a formação de altíssimas e destruidoras ondas.

Circe havia prevenido:

— Ninguém jamais conseguiu passar entre essas rochas, a não ser a Argo, a nau de Jasão, que teve a ajuda de Hera.

Ulisses resolveu passar mais perto de Cila, na esperança de lhe dar combate de alguma forma. Enquanto os homens vigiavam Caríbdes, Cila arrebatou do convés seis dos melhores marinheiros.

Foi uma visão horrenda e Ulisses, contando esse episódio a Alcino, dizia que foi o espetáculo mais apavorante que ele tinha visto em sua vida.

Remando com vontade, conseguiram escapar da tenebrosa passagem e logo chegaram à ilha onde estavam os rebanhos do deus Hélio.

Ulisses não queria parar na ilha, pois havia sido avisado por Tirésias e Circe sobre o perigo que correria se algum dos homens matasse um só dos animais de Hélio.

Mas os homens estavam exaustos e ficaram revoltados por Ulisses não querer parar.

Ulisses acabou concordando, mas fez que todos prometessem não perturbar nenhum dos animais sagrados.

Desceram então, comeram, beberam e descansaram.

Mas à noite caiu uma tempestade e um vento forte começou a soprar. Eles tiveram que levar o barco para o interior de uma côncava gruta, onde, por um mês, esperaram que o vento amainasse.

Os mantimentos já estavam acabando. Por isso, Ulisses dirigiu-se ao interior da ilha, para rezar aos deuses. Depois de rezar, dormiu.

Enquanto isso, os homens, que estavam com muita fome, começaram a achar que não ia fazer mal se sacrificassem alguns animais dos deuses e comessem a carne.

Euríloco disse:

— Prefiro que os deuses nos matem do que morrer de fome nessa ilha!

E assim, realmente mataram, esfolaram e devoraram algumas das reses mais gordas do rebanho.

Ulisses acordou de seu sono e correu para a praia. Logo começou a sentir o cheiro das carnes e das gorduras e percebeu o que tinha acontecido.

Pediu perdão aos deuses, mas a notícia do crime já havia chegado ao Olimpo e Zeus já tinha prometido a Hélio destruir a embarcação de Ulisses.

Ulisses repreendeu seus amigos, mas o mal já estava feito. Os deuses então se manifestaram mediante vários prodígios: as peles dos animais mortos se puseram a dançar e as postas de carne mugiam como se fossem vacas, causando entre os homens um grande pavor.

Depois de alguns dias o vento amainou. Embarcaram todos e lançaram-se às águas. E quando já estavam em pleno mar, o filho de Cronos fez pairar sobre o navio uma negra nuvem, que escureceu o mar profundo. E então o vento Zéfiro levantou-se assobiando e quebrou os cabos do mastro, que caíram para trás. O instrumento de navegação foi varrido para o mar. O piloto foi ferido e também caiu na água.

A nau deu várias voltas sobre si mesma e havia no ar um cheiro de vapores de enxofre.

Enquanto isso, todos os homens, menos Ulisses, foram atirados fora do navio, que foi se partindo e por fim havia apenas um pedaço da quilha, ao qual Ulisses atou o que sobrava do mastro. Sentou-se sobre esses restos e se deixou arrastar pelos ventos furiosos.

Durante toda a noite vagou sem rumo e então, ao nascer do sol, viu que tinha voltado ao terrível rochedo de Caríbdes.

No instante em que chegou perto, o rochedo estava engolindo água com estrondo. Ulisses atirou-se à figueira que nascia a meia altura dele e ali ficou, agarrado, até

que novamente a caverna vomitasse toda a água que tinha engolido.

Junto com a água vieram o pedaço da quilha e o mastro do navio. Ulisses jogou-se sobre essa embarcação improvisada e começou a remar com as mãos.

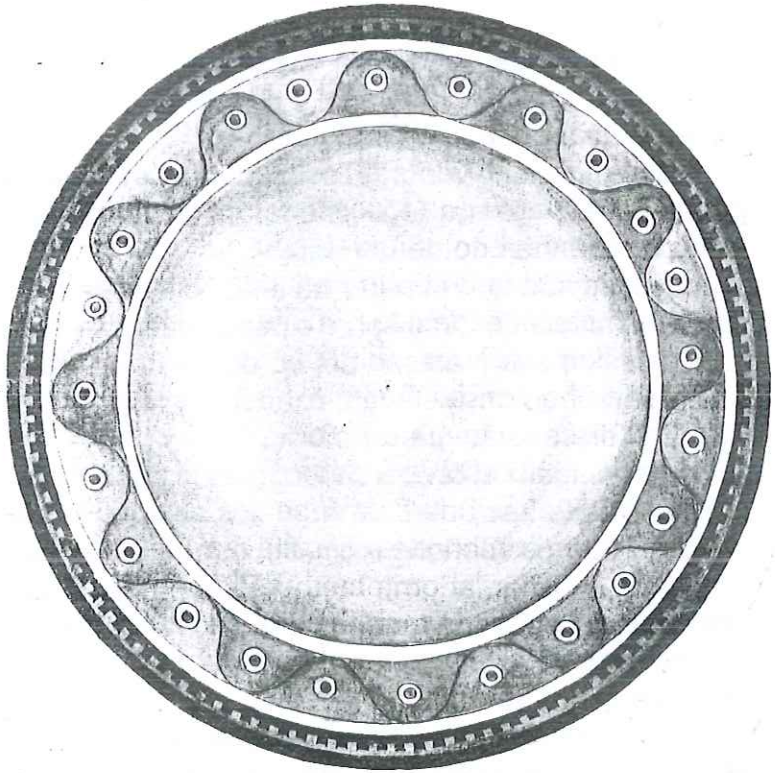
Nove dias ele foi arrastado pelas ondas, até que chegou à ilha Ogígia, onde morava a ninfa Calipso, a ninfa de belas tranças.

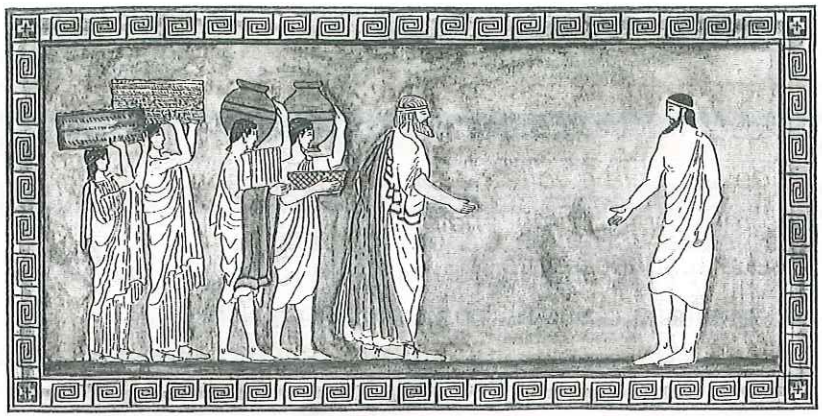
Ulisses então contou como Calipso o manteve prisioneiro na ilha durante sete anos, pois estava apaixonada por ele.

E contou ainda que Calipso, obrigada por Zeus, forneceu-lhe os meios para construir a jangada, na qual navegou nove dias antes de chegar à Feácia.

PARTE III

Onde se conta a volta de Ulisses para Ítaca,
seu reencontro com Penélope
e seu reconhecimento





13

Ulisses acabou de contar sua história ao rei dos feácios.

O rei então pediu que todos trouxessem muitos presentes para o hóspede, comentando que depois poderiam cobrar impostos do povo para pagar os presentes.

Houve muitas despedidas, muita comida, muita bebida e Ulisses agradeceu muito por tudo, mas ele estava louco para ir embora.

Então, foram todos para o porto, onde a nau preparada para a viagem estava à espera.

Ulisses deitou-se sobre as cobertas arrumadas para ele e enquanto os marinheiros soltavam as amarras e começavam a remar, adormeceu.

Quando a estrela da manhã surgiu no céu, a embarcação aproximou-se do porto de Ítaca.

Ulisses ainda dormia.

Então, os marinheiros desembarcaram-no na praia e colocaram em torno dele os presentes que havia recebido.

Regressaram em seguida à Feácia, mas não chegaram a seu destino. Poseidon, o estremecedor da Terra, furioso com os feácios por terem desobedecido a sua vontade, esperou que o barco voltasse à Esquéria e chegasse à frente da cidade e transformou-o, com todos os tripulantes, num rochedo.

Enquanto isso, nas praias de Ítaca, Ulisses acordava.

Ele estava espantado, pois, depois de vinte anos, não reconhecia sua própria terra.

Palas Atena apareceu sob forma de um pastor e lhe disse que ele estava em Ítaca.

Ulisses tentou enganar o pastor, contando uma porção de histórias. Mas então Palas Atena transformou-se numa bela mulher e disse quem era.

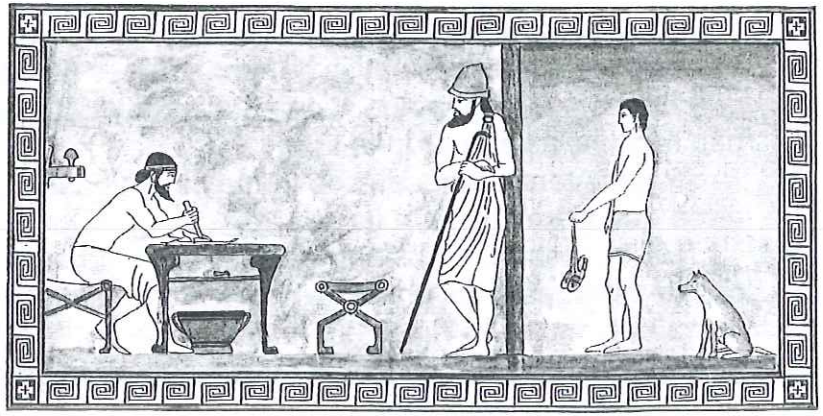
Ajudou Ulisses a esconder seus tesouros numa gruta e fechou a entrada com uma pedra.

Depois contou a ele tudo o que estava acontecendo com Penélope, os pretendentes e seu filho Telêmaco.

E os dois combinaram o que fariam para acabar com todos aqueles homens que tentavam usurpar seu trono e arrebatar sua esposa.

Palas Atena ainda contou a Ulisses que Telêmaco estava em Esparta, aonde tinha ido para obter notícias do pai. E que os detestáveis pretendentes tinham armado um navio para interceptar o barco e matar Telêmaco.

A deusa deu a Ulisses o aspecto de um mendigo, para que ele pudesse andar pela ilha sem que desconfiassem de quem ele era. Recomendou que ele procurasse o porqueiro, Eumeu, que continuava fiel a ele. E partiu em busca de Telêmaco, antes que algum mal pudesse lhe acontecer.



14

Ulisses teve de atravessar uma região selvagem, escalar morros e ultrapassar muitas fendas do terreno, para enfim encontrar o lugar onde o porqueiro Eumeu criava os porcos do seu senhor ausente.

Era uma grande criação, com espaços destinados aos machos, às fêmeas e aos filhotes.

Eumeu estava ocupado, fazendo uma sandália, quando ouviu os cães, que latiam muito. Percebeu que alguém se aproximava. Então correu para acudir o mendigo que chegava.

Afastou os cães e mandou que Ulisses entrasse na cabana.

Recebeu-o muito bem, mas lamentava o tempo todo a ausência do seu senhor, que ele considerava morto.

Serviu a Ulisses uma boa refeição.

Enquanto comiam e bebiam, o porqueiro continuou a falar bem do seu amo e mal dos pretendentes. Falou mal até de Helena, a causadora da guerra. Depois perguntou ao mendigo quem ele era e de onde viera.

Ulisses não queria ainda que o porqueiro o reconhecesse. Então inventou uma longa história, que explicava como ele teria vindo parar em Ítaca. Mas afirmou a Eumeu que Ulisses voltaria em breve.

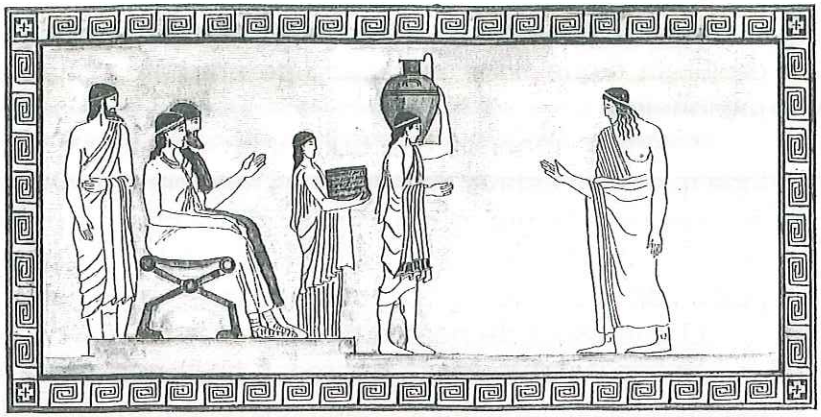
O porqueiro não acreditou que Ulisses pudesse voltar, embora o mendigo insistisse.

À tarde chegaram os guardadores de porcos, que tinham levado os animais para pastar.

O porqueiro mandou matar um belo porco, para que todos homenageassem Ulisses.

Deu ao hóspede agasalhos para que passasse a noite e saiu para tomar conta dos animais.

Ulisses alegrou-se por ver como o seu servo era fiel.



15

Enquanto isso, Palas Atena tinha ido à Lacedemônia para chamar Telêmaco de volta.

Avisou-o de que os pretendentes tinham preparado uma emboscada entre as ilhas de Samos e Ítaca.

E recomendou ao rapaz que fizesse um caminho que não passasse por lá e que assim que chegasse a Ítaca procurasse pelo porqueiro Eumeu, que era pessoa de confiança.

Assim que amanheceu, Telêmaco pediu a Menelau licença para partir. Menelau mandou preparar um grande almoço para seu hóspede. Junto com Helena, escolheram lindos presentes, que Telêmaco recebeu com alegria.

Depois do almoço se despediram. Quando Telêmaco e Pisístrato, o filho de Nestor, subiram na carruagem para partir, passou voando uma ave à sua direita. Era uma águia que carregava nas garras um grande ganso branco.

Ficaram todos alegres, pois esse acontecimento parecia um bom presságio.

Helena afirmou que, assim como a águia veio do monte e arrebatou o ganso, também Ulisses, após passar por muitas provações, regressaria a casa e se vingaria dos que estavam causando problemas a sua família.

Os rapazes foram diretamente para o porto; chamaram a tripulação e partiram.

Enquanto isso, Ulisses continuava na casa do guardador de porcos.

Muitas histórias contaram um ao outro, inclusive durante a noite, pois — dizia o porqueiro — não precisamos dormir muito, que dormir também cansa.

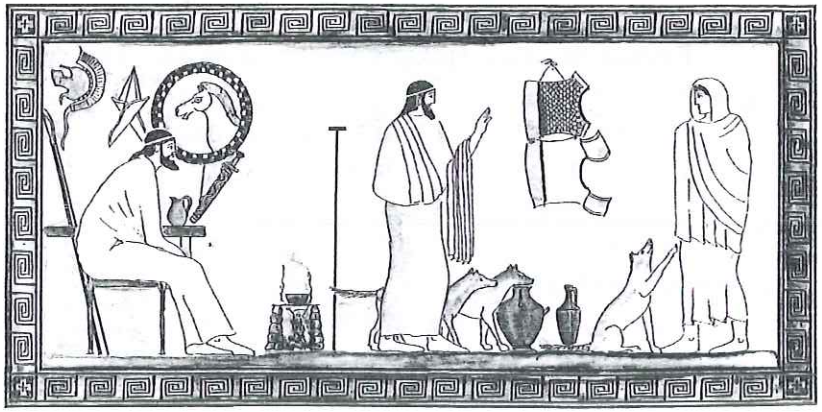
Eumeu contou como foi roubado da casa dos pais e vendido como escravo.

Quando o dia raiou, Telêmaco estava chegando a Ítaca.

Desembarcou numa praia escondida. Pediu aos companheiros que levassem o barco para o porto, pois ele tinha algumas coisas para fazer.

Chamou um dos homens e pediu que hospedasse Teoclímeno, um adivinho que havia trazido de Pilo.

Enquanto o barco partia, Telêmaco dirigiu-se à cabana de Eumeu, pois pretendia encontrar-se com ele.



16

Ulisses e Eumeu tinham acendido o fogo e preparavam a refeição.

Os guardadores de porcos já tinham saído com seus animais.

Os cães começaram a abanar as caudas e a ladrar alegremente.

Ulisses ouviu ruído de passos e disse a Eumeu que alguém conhecido estava chegando, já que os cães, em vez de latir, pareciam contentes.

Telêmaco então surgiu à porta. O porqueiro festejou muito a chegada do rapaz e fez que ele entrasse e recebeu-o como se fosse um filho.

O moço perguntou por sua mãe e por seu palácio. Quis saber se os pretendentes ainda estavam por lá e se Penélope já escolhera um deles.

O porqueiro respondeu que sim, que ela estava lá, com seu coração corajoso, mas que não, não havia escolhido nenhum pretendente.

Eumeu serviu uma farta refeição de carne, pão e vinho ao rapaz, e só então Telêmaco perguntou quem era aquele estranho, de onde tinha vindo e quem o havia trazido.

— Não creio que tenha chegado aqui a pé — disse ele.

Eumeu contou-lhe o que Ulisses tinha dito, que era de Creta e que tinha escapado de um barco onde era prisioneiro.

Telêmaco mandou que Eumeu fosse contar a Penélope que ele já estava de volta, mas recomendou que não falasse com ninguém mais, pois sabia que os pretendentes tinham planos contra ele. E que depois passasse pelos campos e desse a notícia a Laertes, seu avô.

O guardador de porcos partiu.

Nesse instante Atena apareceu a Ulisses sob a forma de uma bela mulher e chamou-o para fora. Disse-lhe que se revelasse a Telêmaco e combinasse com ele um plano para combater os insolentes pretendentes.

Tocou então Ulisses com sua vara de ouro, tornando-o mais moço, mais belo e mais forte. Transformou também suas roupas e partiu.

Ulisses voltou à cabana e Telêmaco espantou-se com seu aspecto, chegando a pensar que ele fosse um imortal.

Mas Ulisses lhe disse:

— Não, não sou um deus. Sou seu pai, por quem você tanto esperou.

Telêmaco ainda duvidou, mas o herói insistiu:

— Foi Atena, deusa dos saques, quem me transformou dessa forma. É fácil para os deuses moradores da imensidão do céu transformar os mortais.

Telêmaco abraçou finalmente seu pai e ambos choraram muito e mais teriam chorado. Mas o rapaz, curioso por saber das aventuras dele, começou a fazer perguntas. Ulisses, depois de responder a todas as perguntas, lembrou que deviam fazer planos para eliminar os pretendentes e perguntou quantos eles seriam, se seria possível que os dois enfrentassem todos eles ou se seria prudente levarem mais companheiros.

Telêmaco disse que os adversários eram muitos:

— De Dulíquio vieram cinqüenta e dois moços, com seis servidores; de Same, vinte e quatro rapazes; de Zacinto, vinte homens; aqui, de Ítaca, doze moços nobres,

mais Medonte, o arauto, e ainda o aedo e dois servidores. São muitos para que apenas nós dois possamos enfrentá-los. A não ser que lhe ocorra o nome de um campeão que seja capaz de nos ajudar.

Ulisses então perguntou:

— Será que bastarão Atena e Zeus como nossos aliados?

Telêmaco mostrou-se impressionado.

Ulisses então disse a ele que voltasse para casa e se juntasse aos pretendentes. Enquanto isso ele se transformaria de novo no velho mendigo e iria para o palácio com o guardador de porcos.

— Se me maltratarem — Ulisses recomendou — suporte as ofensas. Apenas lhes diga que não façam isso, que não se deve desrespeitar um hóspede. Preste atenção, pois quando Atena ordenar, eu farei um sinal a você. Recolha as armas que houver na casa e guarde todas no fundo da sala de armas. Separe para nós um par de espadas, um par de lanças e dois escudos. Deixe essas armas num lugar onde possamos pegá-las. E outra coisa: ninguém, nem Laertes, nem Penélope, nem o porqueiro devem saber que eu cheguei. Quero ver por mim mesmo como se comporta o pessoal da casa.

Enquanto isso, a notícia da chegada de Telêmaco já tinha alcançado o palácio.

Os pretendentes ficaram furiosos ao ver que seu plano de eliminar o rapaz não tinha tido sucesso. Dirigiram-se à praça e tentaram combinar um novo plano, mas não conseguiram entrar num acordo e acabaram voltando para o palácio.

Penélope, sabendo das intenções dos príncipes, apareceu na sala com suas aias e repreendeu Antínoo:

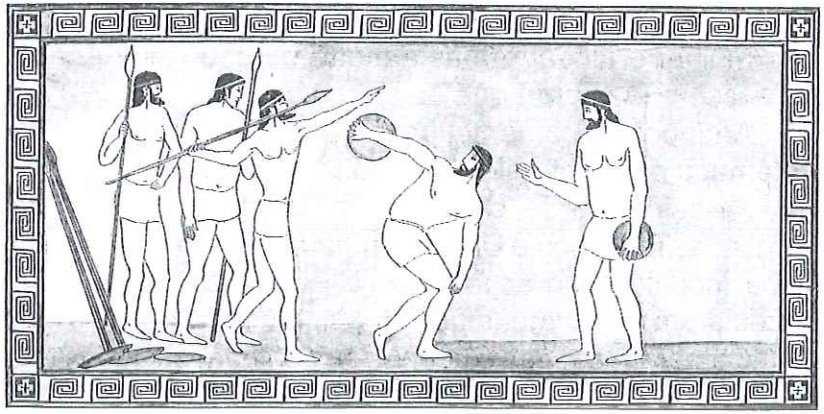
— Por que será que dizem que és o melhor de tua geração? Tramas dentro de minha casa a morte de meu filho! Não te lembras de que um dia teu pai, perseguido pelo povo, veio refugiar-se neste palácio e que Ulisses impediu a multidão de matá-lo e de se apoderar de teus

bens? E agora, consomes seus haveres, tentas namorar sua mulher e ainda tramas a morte de seu filho? Acaba com isso e faze com que os outros também parem!

Antínoo, cinicamente, garantiu que ninguém mataria Telêmaco enquanto ele, Antínoo, estivesse vivo.

Ao cair da tarde, o guardador de porcos voltou para a cabana. Telêmaco e Ulisses preparavam a ceia. Atena já tinha modificado o aspecto de Ulisses, que novamente parecia um velho mendigo.

Comeram em paz e quando se sentiram saciados trataram de dormir.



17

Logo de manhã, Telêmaco partiu para o palácio e deixou Eumeu encarregado de levar Ulisses à cidade.

Quando chegou, a primeira pessoa que o viu foi Euricléia, sua velha ama, que logo se aproximou dele seguida das outras servas.

Em seguida apareceu Penélope, tão linda que parecia a deusa do amor, Afrodite. Beijou Telêmaco e lhe falou da preocupação que sua viagem tinha lhe causado.

O rapaz contou toda a viagem à mãe, inclusive o que Menelau lhe dissera: que Ulisses estava vivo e preso na ilha da ninfa Calipso.

Enquanto Telêmaco e a mãe conversavam, os pretendentes, em frente à mansão de Ulisses, distraíam-se lançando discos e dardos. Logo depois, resolveram entrar para preparar o jantar.

Mas Ulisses e Eumeu já se aproximavam da cidade e pararam junto a uma fonte. Ali, encontraram Melântio, o guardador das cabras, que estava chegando com os melhores animais do seu rebanho para o festim dos intrusos.

Melântio tratou Ulisses muito mal, chamando-o de parasita repelente. E, ao passar por ele, deu-lhe até um pontapé.

Ulisses se conteve, embora tivesse uma grande vontade de se vingar.

Mas Eumeu ficou furioso e pediu aos deuses que fizessem Ulisses voltar, para acabar com aqueles modos do cabreiro.

Melântio ainda debochou dos dois e desejou que Hélio atingisse Telêmaco com suas flechas.

E partiu rapidamente para o palácio, onde se acomodou entre os pretendentes para comer e beber como eles.

Quando Ulisses e o porqueiro chegaram, pararam perto da casa, ouvindo a linda música da lira que Fêmio, o aedo, tocava. E combinaram que Eumeu entraria antes.

Enquanto conversavam, um dos cães levantou a cabeça e mostrou-se alerta. Era Argos, o cão de Ulisses, envelhecido e maltratado, deitado no esterco. Percebendo a presença do dono, abanou sua cauda e abaixou as orelhas, mas não teve forças para se aproximar.

Dos olhos de Ulisses rolou uma lágrima e ele então disse a Eumeu:

— Estranho que este cão, de belo porte, esteja assim jogado na esterqueira.

— Este é o cão daquele que morreu longe. Quando o amo não está por perto, os empregados não querem trabalhar. Por isso, não cuidam do cão e ninguém liga para ele.

E Argos, o cão de Ulisses, tendo visto o amo vinte anos depois da partida, reconheceu-o e morreu.

O porqueiro, como havia sido combinado, entrou na mansão.

Pegou um banco e foi sentar-se junto a Telêmaco.

Ulisses, com seu disfarce de velho mendigo esfarrapado, entrou apoiado num cajado e sentou-se junto da porta.

Telêmaco mandou pão e carne para Ulisses, que comeu sua simples refeição ali mesmo.

Então, Atena aproximou-se de Ulisses e ordenou-lhe que mendigasse mais pão aos pretendentes para ver a atitude que teriam.

Ulisses começou a percorrer a sala pedindo pão a uns e outros.

Então Melântio, o cabreiro, elevou a voz para dizer que o porqueiro tinha trazido o mendigo.

Antínoo repreendeu Eumeu por ter trazido o homem à cidade, dizendo que eles já tinham por ali muitos vagabundos, muitos estraga-jantares, para que Eumeu trouxesse mais um.

Mas Telêmaco repreendeu Antínoo duramente.

Antínoo enfrentou Telêmaco, ameaçando atirar um banco sobre o mendigo.

Ulisses aproximou-se de Antínoo e lhe disse que também tinha tido posses, mas que infelizmente os azares da guerra haviam-no reduzido à mendicância.

Antínoo não demonstrou nenhuma compaixão. Chamou-o de atrevido e disse que não se devia dar nada a ele.

Ulisses ironizou dizendo que ele certamente não daria nada a ninguém, já que, mesmo comendo a comida de outro, não queria repartir nada.

Antínoo ficou furioso e ameaçou-o, dizendo:

— Você não vai sair bem desta sala, depois dos desaforos que nos fez.

E atirou sobre Ulisses um pesado banco de madeira que o atingiu nas costas.

Ulisses não demonstrou ter sentido o golpe. Sentou-se e disse alto aos pretendentes:

— Ó candidatos à mão da rainha! Se Antínoo tivesse se ofendido por causa de bois ou de ovelhas, eu poderia compreender. Mas ele me feriu por causa do estômago! Espero que ele morra antes de se casar com a rainha.

Antínoo ainda ameaçou Ulisses. Alguns dos pretendentes o repreenderam, com medo que Ulisses fosse um deus disfarçado.

Telêmaco ficou chocado por ver o pai ferido, mas disfarçou, como o próprio Ulisses havia recomendado.

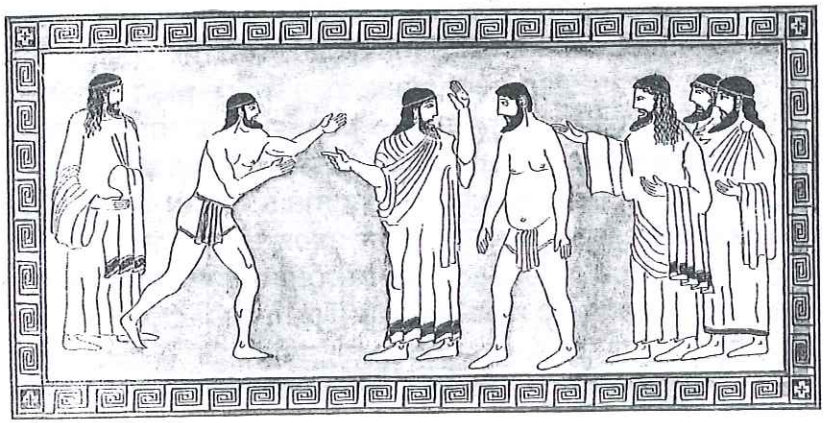
E Penélope, nos seus aposentos, indignada por saber que um hóspede da casa havia sido ofendido, rogou contra Antínoo uma terrível maldição, que nem ela sabia que se cumpriria tão depressa:

— Que Hélio, o divino arqueiro, o fira da mesma forma!

Então Penélope mandou o porqueiro chamar o forasteiro, para saber se ele tinha alguma notícia de Ulisses.

Ulisses respondeu que iria mais tarde, pois temia que os príncipes se revoltassem com o convite.

O porqueiro despediu-se de Telêmaco, que lhe disse que cuidaria de tudo, com a ajuda dos imortais.



18

Então, chegou ao palácio um mendigo da região que comia e bebia muito, era grande e parecia muito forte.

Quis logo expulsar Ulisses, vendo nele um rival.

Ulisses o olhou e respondeu:

— Não estou lhe fazendo nenhum mal. Você é um infeliz como eu e nós dois podemos dividir as esmolas que nos derem. Não me provoque, pois, embora eu não queira lutar, posso vencê-lo.

Mas o mendigo continuou a provocar Ulisses, até que Antínoo, reparando no que estava acontecendo, resolveu açular os dois mendigos um contra o outro para uma luta.

E prometeu, àquele que vencesse, um grande pedaço de carne.

Enquanto Ulisses se preparava, Atena fez que seus membros se avolumassem e todos se espantaram com seu porte atlético.

O mendigo que tinha provocado a briga sentia-se agora amedrontado.

Os lutadores ergueram os punhos fechados.

Ulisses pensou consigo que não devia bater demais no oponente, para não chamar a atenção dos aqueus.

Então, quando Iro — era esse o nome do desafiante — tentou atingi-lo, Ulisses golpeou-o no pescoço, fazendo que o pobre homem caísse se debatendo. Os nobres pretendentes acharam imensa graça nesse incidente.

Ulisses arrastou Iro por um pé e jogou-o no pátio. Voltou à soleira da porta e sentou-se.

Os pretendentes cumprimentaram o vencedor e lhe ofereceram pão e carne. Antínoo fez votos de que ele, no futuro, tivesse melhor sorte. Ulisses respondeu recomendando ao rapaz que voltasse para sua casa, pois o dono desta casa — disse ele — não ficaria longe por muito mais tempo. Na verdade, ele já estava voltando! E a luta que travaria com os invasores de sua casa seria tremenda!

Mas Antínoo não partiu. E não escapou de seu destino!

Enquanto esses fatos se passavam, Atena fez que Penélope dormisse em sua cadeira e tornou-a tão bela como uma deusa.

E em seguida fez que acordasse desejando descer ao salão com suas aias. Lá, Penélope repreendeu os candidatos a casar com ela, dizendo que pretendentes a uma mulher deviam levar-lhe presentes e não consumir seus bens, tal como estavam fazendo.

Todos eles trataram de mandar buscar presentes muito lindos, colares, véus preciosos, brincos, e enquanto Penélope voltava para seus aposentos levando os presentes que ganhou, eles continuaram suas festas, cantando e dançando.

Ulisses disse às servas que subissem para os aposentos da rainha, mas uma delas, Melanto, ofendeu-o, dizendo-lhe que fosse embora, que não ficasse por ali perturbando a todos.

Ulisses ameaçou-a com violência e as outras servas, amedrontadas, espalharam-se pela casa.

Ulisses postou-se junto às fogueiras, cuidando para que se mantivessem acesas.

Mas os pretendentes não o deixavam esquecer a vingança, pois continuavam a insultá-lo.

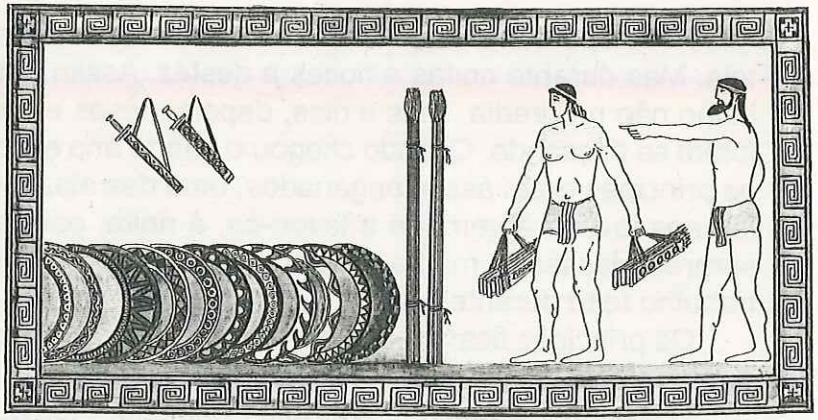
Eurímaco perguntou se ele aceitaria trabalhar em suas terras, se teria coragem de trabalhar ou se era muito preguiçoso para isso.

Ulisses então desafiou Eurímaco a trabalhar ombro a ombro com ele, ceifando o feno ou guiando o arado. Ou ainda a lutar na guerra, na primeira linha de combate.

Eurímaco, furioso, atirou um banco sobre Ulisses, mas o escabelo atingiu um dos escravos que trazia o vinho, fazendo-o cair com estrondo.

Nesse momento Telêmaco interferiu corajosamente, pedindo que os pretendentes voltassem para casa.

Todos, muito espantados com a autoridade que ele estava demonstrando, tomaram mais um copo de vinho e retornaram a suas casas para descansar.



19

Logo que os pretendentes se foram, Ulisses e Telêmaco começaram a preparar a batalha que travariam em breve.

Esconderam as armas de Ulisses, ajudados por Atena, que iluminou o palácio de uma forma tão prodigiosa, que só poderia ser obra de um deus.

Depois Telêmaco foi se deitar, enquanto Ulisses, no salão, planejava com Atena a morte dos pretendentes.

Penélope mandou trazer uma cadeira para junto da lareira, enquanto as servas limpavam a sala. Uma das aias começou a destratar Ulisses, mas Penélope repreendeu-a, dizendo que queria falar ao forasteiro e mandou que ele se sentasse junto a ela. Perguntou quem ele era, de onde vinha, onde era a sua cidade e quem eram seus pais.

Ulisses, que não queria se revelar ainda, disse que não responderia, para não sofrer lembranças penosas.

Penélope então lamentou muito a ida de seu esposo para a guerra e sua demora em voltar. E contou que os príncipes das redondezas a assediavam com propostas de casamento, acreditando que Ulisses estava morto. A tal ponto esses príncipes a aborreciam, que ela havia inventado um artifício. Declarou que não poderia casar-se, enquanto não terminasse de tecer o sudário no qual estava trabalhando e que se destinava a seu sogro, Laertes.

Penélope contou que durante dias e dias teceu sua teia. Mas durante noites e noites a desfez. Assim, o trabalho não progredia. Dias e dias, depois meses e anos, foram se passando. Quando chegou o quarto ano em que os príncipes eram assim enganados, uma das aias revelou aos jovens a verdade e levou-os, à noite, para que surpreendessem a rainha enquanto ela desmanchava o trabalho feito durante o dia.

Os príncipes ficaram muito zangados e exigiram que a rainha concluísse o trabalho sem mais demora.

O próprio Telêmaco — concluiu Penélope — se aborreceu com o fato de os pretendentes, instalados dentro da casa, estarem dilapidando seus bens.

— E agora, forasteiro — perguntou a rainha —, quem és e de onde vens?

Nosso herói, não conseguindo fugir à pergunta, inventou uma longa história, contando inclusive ter estado com Ulisses em Creta, sua ilha natal, a caminho de Tróia.

Penélope comoveu-se muito e chorou lágrimas sem fim. Mas, para pôr à prova o estrangeiro e ver se ele estaria falando a verdade, perguntou qual era o aspecto de Ulisses e que roupa ele vestia quando se encontraram.

É claro que ele soube responder muito bem, descrevendo os trajes de Ulisses e mencionando até o nome de um dos seus companheiros, o que convenceu Penélope de que a narrativa do estranho era verídica.

Ulisses também disse a Penélope que tinha notícias recentes de seu marido: ele estava vivo e chegaria em breve, carregado de riquezas. Penélope ficou tão contente com as notícias, que chamou suas servas e deu ordem para que lavassem os pés do forasteiro, arrumassem para ele um leito e de manhã o banhassem e vestissem.

Mas Ulisses recusou todos esses cuidados. Apenas aceitou que a mais velha das aias lhe lavasse os pés.

Penélope então chamou Euricléia, pedindo-lhe que lavasse os pés do viajante, que teria certamente a idade de Ulisses. A velha senhora lamentou-se muito por seu

amo, que não havia regressado, e disse ao forasteiro que o achava extraordinariamente parecido com Ulisses.

Ulisses concordou com Euricléia, dizendo que muitas pessoas que conheciam Ulisses haviam dito a mesma coisa.

Euricléia foi preparar a água para fazer o que Penélope ordenara. Ulisses, prevendo que a aia podia reconhecê-lo, por uma grande cicatriz que ele tinha no joelho, dirigiu-se para longe da luz da lareira.

De fato, assim que a aia começou a lavá-lo, reconheceu essa cicatriz, causada por um javali, numa viagem de Ulisses ao Parnaso, à casa de seu avô. Mas Ulisses pediu a Euricléia que nada dissesse, e a velha ama calou-se, lavou-lhe os pés e retirou-se. Ulisses então aproximou seu banco da rainha. E Penélope contou a ele um sonho que tivera. No sonho, vinte gansos se aproximavam dela. Mas subitamente vinha da montanha uma águia enorme e quebrava o pescoço de todos eles.

— O que significa esse sonho? — perguntou a rainha.

— O sentido do sonho está claro — respondeu o mendigo. — Ulisses chegará em breve e matará todos os pretendentes.

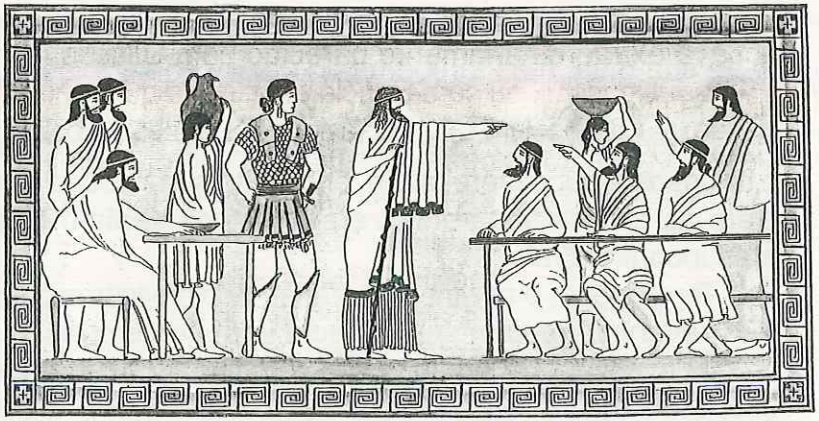
Penélope contou então, ao próprio marido, que iria propor aos pretendentes uma competição com as achas, armas que eram parecidas com um machado. Penélope continuou:

— Vou alinhar doze achas. Cada um dos pretendentes terá primeiro que armar o arco de Ulisses e varar todas as achas com uma só flecha. Aquele que conseguir fazer isso, terá a minha mão.

Ulisses respondeu:

— Venerável senhora, esposa de Ulisses, filho de Laertes. Não adies mais essa competição. Começa isso amanhã mesmo.

Penélope saudou o forasteiro e subiu para seus aposentos, onde Atena fez que ela adormecesse suavemente.



20

Ulisses acomodou-se para dormir e viu quando algumas das servas saíram para encontrar-se com os pretendentes.

Seu coração bateu com força, revoltado com o comportamento das moças. Sua vontade era matar uma por uma, por desrespeitarem dessa maneira a casa em que moravam. Mas bateu no peito com força, dizendo: "Agüenta, coração! Já passaste por coisas piores!".

Ulisses não conseguiu dormir, preocupado com a dificuldade que tinha pela frente: liquidar aqueles homens insolentes que haviam se intrometido em sua casa.

Então Atena, sob a forma de uma mulher, chegou junto dele e acalmou-o, garantindo que o apoiaria em tudo que ele precisasse.

No seu leito, Penélope também não conseguia dormir e chorava. Chorava, lembrando da promessa que tinha feito e rezando a Ártemis, pedindo que fosse arrebatada do palácio e lançada ao mar, para não ter que se entregar a alguém que, certamente, seria inferior a seu marido.

Quando Ulisses acordou, com a chegada da Aurora, ouviu a voz de Penélope, ainda se lamentando.

Angustiado, saiu do palácio e lá fora, rezou a Zeus. Pediu que ele enviasse um sinal, que mostrasse que o

apoiava. E que este sinal fosse notado não só por ele, mas por alguém da casa.

No mesmo momento um forte trovão se fez ouvir. E uma aia que, cansada, trabalhava até aquela hora, ouvindo o trovão exclamou:

— Esse trovão, no céu estrelado, só pode ser um presságio. Desejo, em meu coração, que seja sinal de que hoje, pela última vez, os pretendentes vão se reunir aqui.

O divino Ulisses alegrou-se, cheio de esperança.

As outras servas já estavam acordadas e tinham acendido o fogo.

Telêmaco levantou-se, vestiu-se e armou-se. Perguntou a Ericléia pelo hóspede e foi informado do que tinha acontecido. E saiu em direção à praça.

Euricléia tratou de pôr a casa em ordem para o festim diário.

Então, o porqueiro chegou com três porcos para a festa. Cruzando com Ulisses, perguntou-lhe se os pretendentes o tinham respeitado ou não. Enquanto conversavam, Melântio, o cabreiro, aproximou-se com várias cabras e voltou a desafiar Ulisses. Mas Ulisses não lhe respondeu.

Em seguida chegou Filécio, que cuidava dos bois, trazendo uma vaca e mais algumas cabras.

Perguntou quem era o desconhecido, mas, ao contrário de Melântio, teve pena dele e saudou-o com compaixão, lamentando-se pela ausência de Ulisses, seu rei.

Ulisses respondeu-lhe prometendo que ele, o boiadeiro, não sairia da mansão sem que seu senhor tivesse chegado e que iria assistir à morte dos pretendentes.

Filécio alegrou-se e disse:

— Espero que o filho de Cronos faça que isso aconteça, e então, forasteiro, você verá a minha força e como os meus braços são capazes de lutar.

Enquanto isso, os pretendentes, já reunidos na ágora, planejavam a morte de Telêmaco.

Mas, de repente, apareceu no céu uma águia pode-

rosa com uma pequena pomba no bico, o que foi tomado por eles como um presságio de que seus planos não iriam dar resultado.

Voltaram ao solar, onde Telêmaco já havia acomodado Ulisses num banco junto a uma pequena mesa e havia servido o hóspede com carne e vinho. O rapaz então falou alto, para que todos ouvissem que ele, pessoalmente, guardaria o viajante contra novas desfeitas.

Essa demonstração de autoridade por parte de Telêmaco deixou a todos espantados, mas, como todos os dias, no solar de Ulisses começou o banquete.

Por ordem de Telêmaco, os servos puseram diante de Ulisses porções iguais às que os próprios pretendentes receberam.

Atena não permitiu que os pretendentes se contivessem e parassem de ofender o hóspede, para que assim o coração de Ulisses ficasse cada vez mais ressentido, preparando a vingança.

Um dos convivas, Ctesipo, homem riquíssimo que cortejava Penélope todos os dias, fez notar que Ulisses estava recebendo no banquete porções iguais aos outros. E que ele mesmo queria dar ao mendigo um presente de hospitalidade.

Pegou numa cesta uma pata de boi e atirou-a sobre o estranho, mas Ulisses desviou-se e não foi atingido.

Telêmaco, furioso, disse a Ctesipo:

— Ainda bem que você não acertou o golpe. Porque, se ferisse meu hóspede, eu mesmo o trespassaria com minha espada. E seu pai, em vez de cuidar do seu casamento, teria que cuidar do seu funeral. Chega de tanta insolência. Prefiro que me matem de uma vez a continuar a sofrer tantas desfeitas.

Os pretendentes se calaram.

Por fim Agelau, também pretendente à mão de Penélope, tomou a palavra e aconselhou Telêmaco a insistir com Penélope para que ela se casasse com um dos príncipes.

Telêmaco respondeu que não impediria o casamento de sua mãe, mas também não queria constrangê-la a sair de sua casa.

Então Atena fez que os pretendentes começassem a rir um riso louco, sem razão, enquanto suas bocas mordiam as carnes sangrentas e seus olhos vertiam lágrimas incontroláveis.

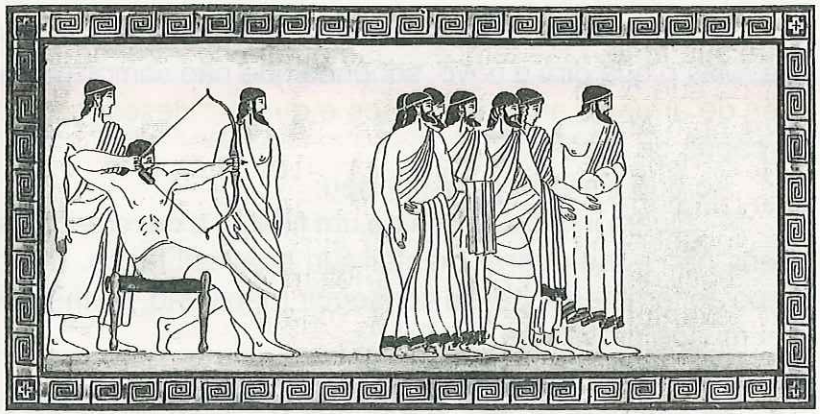
Teoclímeno, o adivinho que Telêmaco havia trazido de Pilo, levantou-se com seu aspecto imponente e disse:

— Infelizes! O que se passa com todos? Suas cabeças, seus rostos, seus joelhos estão envoltos em treva! Ouçam os lamentos, vejam as lágrimas que lhes correm dos olhos, as paredes e o forro salpicados de sangue! Vejam os fantasmas que pairam pela casa! O sol sumiu do céu e uma escuridão medonha cobriu tudo!

Sem se aperceber da desgraça que estava se aproximando, todos riram muito. Eurímaco chegou a chamar os servos para levarem Teoclímeno embora; o hóspede, entretanto, disse que não precisava de ajuda, mas que podia prever a ruína que se aproximava e que não pouparia nenhum deles.

Os pretendentes continuavam a troçar dos hóspedes de Telêmaco, mas ele, sereno, observava seu pai, esperando pela hora da vingança!

Penélope, sentada numa bela cadeira, ouvia as conversas de todos, que comiam e bebiam sem desconfiar que nenhuma refeição seria tão terrível quanto a que seria servida em breve por uma deusa e por um herói valente.



21

Atena, de olhos glaucos, inspirou Penélope para que propusesse aos pretendentes uma disputa.

A senhora subiu a escadaria até seus aposentos e apanhou uma chave de bronze com um anel de marfim.

Dirigiu-se à câmara onde eram guardados os tesouros da família. Lá, encontrou o arco de Ulisses, que tinha sido presente de seu amigo Ífito. Sentou-se com o arco no colo e muito chorou, e se lamentou pela ausência do marido.

Então desceu para o salão e dirigiu-se aos pretendentes:

— A vós, que invadistes esta casa para comer e beber à vontade, sob o pretexto de desejarem casar-se comigo, aqui estou, como prêmio a ser disputado. Aqui está o arco do divino Ulisses. Aquele que conseguir empunhar o arco, retesar a corda e, com uma flecha, trespassar as doze achas que Telêmaco vai dispor em fila, a este eu hei de seguir, abandonando o palácio onde me casei, tão belo que hei de lembrar-me dele para sempre.

Chamou Eumeu, o guardador de porcos, e mandou que ele entregasse o arco aos pretendentes. O servo recebeu o arco de seu senhor com lágrimas nos olhos. Também o vaqueiro chorou quando viu a arma.

Mas Antínoo repreendeu os serviçais, dizendo que fossem chorar lá fora; e disse ainda que não acreditava que nenhum dos homens fosse capaz de armar o arco. Mas, no íntimo, ele achava que era capaz disso. Mal sabia que seria ele o primeiro a provar as flechas disparadas por Ulisses.

Então, Telêmaco falou:

— Zeus, filho de Cronos! Terei perdido o juízo? Minha querida mãe acaba de prometer ir embora desta casa com o ganhador de uma disputa e eu estou aqui alegre e risonho, de coração leve? Mas não devemos mais demorar. Vamos começar a disputa.

E o rapaz despiu o manto escarlate, tirou do ombro a espada e começou a fincar no chão as achas, uma a uma, até formar uma fila perfeita.

Experimentou encurvar o arco, para armá-lo, mas por três vezes não conseguiu fazê-lo. Ulisses, porém, acenou-lhe para que não continuasse a tentar.

Telêmaco então chamou os pretendentes para que começassem a disputa.

Antínoo também os estimulou a iniciar o concurso.

O primeiro a se apresentar foi Líodes, mas ele logo desistiu e duvidou de que algum dos outros conseguisse realizar a proeza.

Antínoo repreendeu-o, dizendo que só porque ele não havia conseguido, nem por isso outros não o conseguiriam. Mandou que Melântio acendesse o fogo e fosse buscar um pedaço de sebo, para que engraxassem o arco e a corda.

Mas, mesmo assim, nenhum dos pretendentes conseguiu manejar o arco.

Os últimos a tentar foram Antínoo e Eurímaco.

Enquanto isso, fora da casa, Ulisses falava com o vaqueiro e o guardador de porcos. Revelou quem era e mostrou a eles a cicatriz que tinha na perna, feita por um javali no Parnaso.

Assim que viram a cicatriz, eles reconheceram que

ali estava o intrépido Ulisses. Abraçaram e beijaram o amo, entre lágrimas.

Ulisses pediu que parassem de chorar e se lamentar, pois alguém poderia sair da casa e perceber o que estava acontecendo. Então disse:

— Agora, vamos entrar um por um. Vou dizer que também quero retesar o arco. Os pretendentes não vão permitir, mas Eumeu é que vai transportar o arco. Deve entregá-lo em minhas mãos. Depois, deve dizer às mulheres que tranquem as portas do salão; mesmo que ouçam ruídos de batalha, não entrem. Fiquem quietas, cada qual no seu trabalho. Filécio, por sua vez, deve trancar os portões do pátio e amarrá-los com uma correia.

Ulisses entrou e sentou-se de novo no banco onde tinha estado antes.

Os servos entraram logo depois.

Neste momento, Eurímaco estava tentando retesar o arco, mas não conseguiu.

Lamentou-se, embora não estivesse tão interessado no casamento:

— Afinal — disse ele — há outras mulheres com quem podemos nos casar. O que me incomoda — continuou — é o fato de sermos menos fortes do que Ulisses, que era capaz de armar este arco, como fez muitas vezes.

Mas Antínoo consolou o amigo, dizendo que podiam tentar novamente no dia seguinte.

Todos gostaram da proposta, lavaram as mãos e começaram a beber, como sempre faziam.

Ulisses, então, pediu licença para tentar retesar o arco. Os pretendentes ficaram furiosos e Antínoo chamou sua atenção, dizendo que ele com certeza tinha bebido muito e devia estar fora de seu juízo.

Nesse momento Penélope interveio e disse que não era justo destratar um hóspede de Telêmaco; não era preciso temer o estranho, pois ele não tinha a intenção de desposá-la.

Eurímaco respondeu a Penélope:

— Não tememos que o hóspede a leve como esposa. Mas o que dirá o povo, sabendo que não somos capazes de armar o arco de Ulisses e que um desconhecido é capaz de fazê-lo?

Ao que Penélope respondeu:

— Quem invade a casa de um fidalgo e devora-lhe os bens não pode querer manter sua boa reputação. Dai o arco ao forasteiro. Se ele conseguir manejá-lo, eu lhe darei muitos presentes.

Mas Telêmaco interferiu na discussão:

— Quem aqui tem autoridade para dar ou negar o arco ao forasteiro sou eu. Volte aos seus aposentos que os homens cuidarão desse problema.

Penélope, espantada com a autoridade do filho, voltou para seu quarto, onde Atena a fez adormecer.

Eumeu apanhou o arco para levá-lo para Ulisses, mas os pretendentes começaram a ameaçá-lo e ele, amedrontado, largou a arma.

Telêmaco interveio novamente, com grande autoridade, e, apesar do deboche dos pretendentes, fez que o porqueiro levasse a Ulisses o pesado arco.

Imediatamente Eumeu dirigiu-se a Euricléia para transmitir a ordem de Ulisses, de que fossem trancadas todas as portas do salão.

Ao mesmo tempo, Filécio dirigiu-se aos portões, trancou-os e amarrou-os com uma correia. Em seguida, voltou para a casa e sentou-se num banco em frente a Ulisses.

Ulisses tinha o arco nas mãos e o examinava por todos os lados.

Os pretendentes perceberam que o forasteiro tinha experiência com armas.

Então, com a facilidade com que um conhecedor de lira retesa uma corda numa cravelha nova, Ulisses armou sem esforço o arco.

Puxou a corda bem esticada e ela soou como se fosse a voz de uma andorinha.

A face dos pretendentes mudou de cor, por despeito e espanto. Ouviu-se no céu um grande trovão, mandado por Zeus.

Ulisses alegrou-se, reconhecendo o sinal do filho de Cronos.

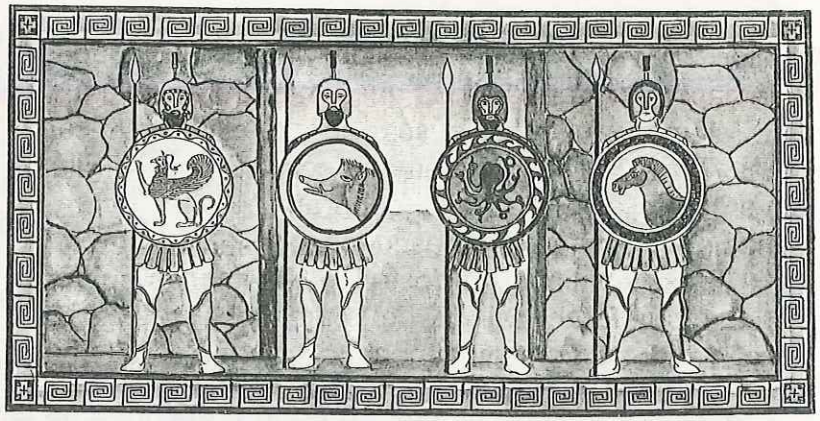
Apanhou uma seta que jazia a seu lado, enquanto as outras que em breve atingiriam os aqueus permaneciam na aljava.

Apoiou a seta no punho do arco e retesou a corda. E, sem se levantar de onde estava sentado, desfechou a seta certeira contra as achas enfileiradas por Telêmaco e varou-as todas de uma só vez.

E então disse a Telêmaco:

— Viu, Telêmaco? Seu hóspede não o envergonhou. Ainda tenho bastante vigor para armar um arco sem esforço. E vamos agora preparar a ceia para os aqueus, antes que escureça.

Fez um sinal a Telêmaco, que imediatamente armou-se com espada e lança e postou-se junto dele com as armas de bronze brilhando.



22

Ulisses, rei de Ítaca, despiu-se dos molambos que o cobriam e subiu sobre a alta soleira da porta, segurando o arco. Tirou as setas da aljava, colocou-as a seus pés e disse bem alto aos presentes:

— Acabou-se a competição! Agora, se Hélio me ajudar, vou atingir outros alvos.

O aspecto de Ulisses era terrível! Na verdade, ele ia enfrentar mais de cem homens!

Assim falando, desferiu uma seta, que atingiu a garganta de Antínoo. O rapaz caiu, levando com ele a mesa; as comidas e bebidas espalharam-se no chão.

Ergueu-se um tumulto. Os pretendentes ainda não tinham compreendido o que se passava e começaram a insultar Ulisses, ameaçando matá-lo.

Mas Ulisses replicou:

— Cães! Pensaram que eu não voltaria nunca! Enquanto eu estava fora desrespeitaram minha casa, minha mulher e meu filho, sem temer os deuses e sem imaginar que a vingança chegaria! Agora, estão todos atados aos laços da morte!

Um pálido terror apossou-se de todos.

Eurímaco ainda tentou dizer a Ulisses que o único culpado por tudo tinha sido Antínoo, mas Ulisses não se

deixou convencer. Então Eurímaco tentou comandar uma reação. Mas as setas certeiras de Ulisses e a espada de Telêmaco atingiram a todos que tentaram atacá-los.

Telêmaco foi então buscar armas, escudos e capacetes. Tanto Ulisses e Telêmaco como Eumeu e Filécio envergaram as armaduras, cobriram a cabeça com os elmos e empunharam os escudos.

Ulisses continuou a desferir suas flechas sobre os aqueus, que foram caindo, um a um, sobre o solo.

Quando as setas finalmente acabaram, nosso herói apoiou o arco no umbral da porta e apanhou as lanças de bronze. Agelau ainda quis que alguém saísse por uma porta mais alta que dava para um estreito beco, para buscar ajuda.

Mas Melântio, o cabreiro, recomendou a todos que tivessem calma, pois ele iria buscar armas no depósito de Ulisses.

Quando Ulisses viu seus inimigos armados, sentiu os joelhos enfraquecidos e disse a Telêmaco que achava que uma das mulheres, ou mesmo Melântio, estava contra ele.

Então Ulisses viu que Melântio estava se retirando e mandou Eumeu e Filécio atrás dele, para impedir que trouxesse mais armas.

De fato, os dois servos fiéis aprisionaram o traidor e o amarraram numa alta viga do teto, voltando imediatamente para ajudar seu amo.

Atena nesse momento apresentou-se sob forma de Mentor. Ulisses pediu ao amigo que o ajudasse, na verdade desconfiado de que ali estava Atena. Agelau ameaçou Mentor, dizendo-lhe que, caso ajudasse Ulisses, depois de terminada a batalha ele seria castigado também.

Atena se enfureceu com as ameaças e incentivou Ulisses para que continuasse lutando cada vez com mais furor, já que ele estava agora defendendo o que era dele. E então transformou-se numa andorinha e voou para o alto, pousando numa viga do telhado.

A luta continuou, mas, embora os pretendentes atirassem suas lanças com boa pontaria, Atena as desviava, enquanto as lanças de Ulisses encontravam sempre o alvo.

Então, do alto do teto, Atena desdobrou por fim sua égide, ruína dos mortais, e o espírito dos pretendentes encheu-se de pavor. Como abutres que se abatem sobre as aves e as destroem, assim Ulisses e os companheiros lançaram-se sobre os inimigos restantes. Alguns deles pediram misericórdia, mas Ulisses atendeu apenas a Líodes, o aedo, e a Medonte, o arauto, a pedido de Telêmaco, e mandou que se abrigassem junto ao altar de Zeus.

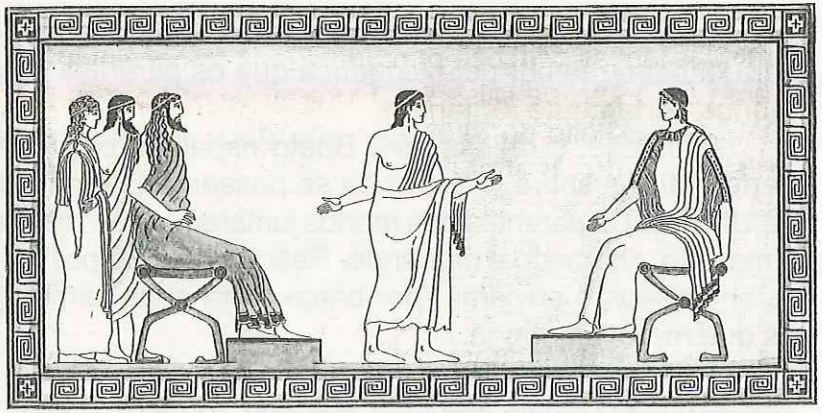
Quando Ulisses convenceu-se de que estavam todos mortos, mandou chamar Euricléia.

Ulisses parecia um leão que tivesse acabado de matar um boi no campo, todo borrifado de sangue, da cabeça aos pés. A velha começou a dar grandes demonstrações de alegria por ver mortos os inimigos do seu amo.

Mas Ulisses pediu-lhe que se calasse, pois — disse ele — não era correto festejar a morte de pessoas. E pediu-lhe também que indicasse quais as escravas que haviam desrespeitado sua casa e sua esposa.

Mandou chamar essas escravas e deu instruções a Telêmaco para que, ajudado por Eumeu e Filécio e ainda pelas mulheres, tirassem os cadáveres da sala e limpassem tudo.

Ordenou que depois as mulheres fossem levadas para fora e mortas, juntamente com Melântio. Então defumou o grande salão com enxofre e mandou chamar Penélope e as criadas fiéis. Euricléia trouxe-lhe um manto, para que não aparecesse com aqueles andrajos ensangüentados. As mulheres vieram e reconheceram o patrão, abraçaram e beijaram Ulisses, que, apenas neste momento, teve vontade de chorar e gemer, pois reconheceu cada uma delas.



23

Euricléia foi buscar Penélope, que estava ainda dormindo no seu quarto.

No começo, ela nem queria acreditar no que a velha escrava lhe contava.

Mas desceu ao salão e sentou-se em frente a Ulisses, ainda em dúvida, sem saber se aquele homem era realmente seu marido.

Telêmaco espantou-se diante da dúvida de Penélope. E Ulisses lhe disse que havia muitas coisas que só os dois sabiam e que Penélope saberia inventar uma prova, para ter certeza de quem ele era.

Então Ulisses ordenou que simulassem uma festa dentro de casa, para retardar o momento em que toda a cidade iria descobrir a matança.

De fato, todos se arrumaram com as melhores roupas e simularam uma festa.

Quem passava do lado de fora pensava que a rainha tinha escolhido um marido e que aquela era a festa de casamento.

Ulisses também se banhou e vestiu uma bela túnica e um manto.

Atena fez que ele parecesse muito belo e ele foi de novo sentar-se em frente à esposa.

Penélope resolveu fazer um teste e mandou que Euricléia tirasse do seu quarto a cama do casal e a arrumasse, para que Ulisses pudesse dormir.

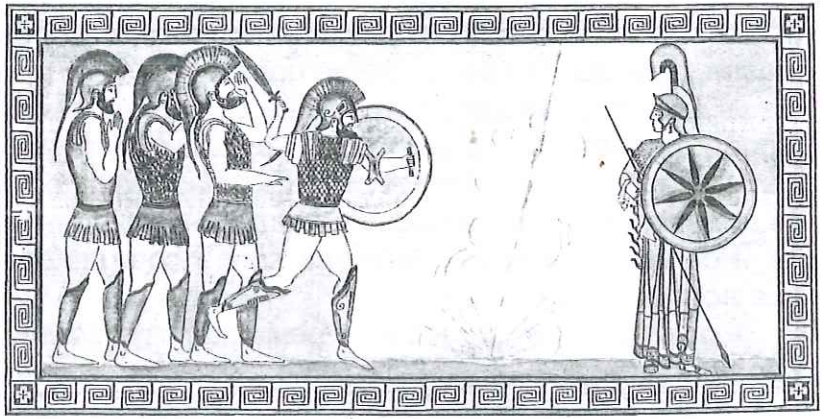
Ulisses ficou espantado, pois não compreendia que alguém pudesse tirar o leito do lugar, pois ele mesmo construíra sua cama sobre o tronco de uma oliveira, com as raízes muito bem plantadas na terra.

Por essas palavras, Penélope soube com certeza que aquele era Ulisses.

Correu para ele, abraçou-o e pediu que a perdoasse por não reconhecê-lo imediatamente.

Enquanto isso, Atena retardou a chegada da Aurora, de trono de ouro, para que os esposos pudessem conversar bastante e depois, quando a cama estivesse preparada, pudessem se recolher e retomar, contentes, os hábitos do antigo leito.

Quando Atena permitiu que a Aurora surgisse, Ulisses, que já havia descansado bastante, dirigiu-se à casa de seu pai, que certamente já tinha sofrido muito com a ausência do filho.



24

Hermes levou as almas dos pretendentes mortos para o Hades. Lá, encontraram-se todos com Aquiles, o grande guerreiro, e Agamenon, o comandante das forças gregas na guerra. Agamenon espantou-se por ver tantos rapazes da mesma idade chegando de uma só vez ao inferno.

Então Anfimedonte, um dos mortos, contou como tudo tinha se passado.

Contou de que maneira os pretendentes tinham invadido a mansão de Ulisses, a insistência em obrigarem Penélope a escolher um deles, o artifício encontrado por Penélope para adiar sua decisão, já que ela esperava ainda pelo marido. Contou das festas e das tropelias que os pretendentes tinham feito durante anos, dizimando os rebanhos, bebendo do melhor vinho e arruinando a herança de Telêmaco. Contou então da vingança implacável de Ulisses e da morte de todos aqueles rapazes, a quem Ulisses não perdoou.

Quando a narrativa acabou, Aquiles elogiou muito a fidelidade de Penélope e a resistência daquela mulher admirável, dizendo que jamais se extinguiria a fama de suas virtudes. Enquanto isso, Ulisses chegava à fazenda de Laertes. Quando o velho reconheceu o filho, seus joelhos afrouxaram-se de emoção. Os dois se abraçaram emocionados.

Mas Laertes, depois de saber de tudo o que se passara, mostrou temor pela vingança que os parentes dos mortos certamente tentariam.

Na cidade, o mensageiro Boato espalhou por toda parte notícias sobre o que tinha se passado na mansão de Ulisses. Os parentes dos mortos juntaram-se em frente à mansão, chorando e gemendo. Retiraram os corpos para enterrá-los e enviaram por barco, para suas famílias, os que moravam longe.

Mas logo começaram a comentar o sucedido e revoltaram-se contra Ulisses. Medonte, o arauto, e Líodes, o aedo, ainda tentaram acalmar os ânimos, lembrando o desrespeito dos pretendentes contra Ulisses e testemunhando que havia um deus ao lado do herói, enquanto ele levava a cabo sua vingança. Mas os parentes dos mortos estavam enfurecidos. Armaram-se e dirigiram-se à fazenda onde Ulisses se encontrava na companhia do pai e dos seus servos.

Quando lá chegaram, iniciou-se uma luta, mas Atena interveio e ordenou que parassem com a disputa. Um pálido terror se apoderou dos agressores ao ouvirem a voz da deusa. Largaram as armas e recuaram.

Ulisses, entretanto, soltou um tremendo brado e quis avançar contra os agressores, que agora fugiam.

Mas o filho de Cronos lançou do Olimpo um raio fumacento que caiu diante da deusa de olhos glaucos.

Ela então disse a Ulisses:

— Filho de Laertes, descendente de Zeus, inteligente Ulisses, cessa de vez este combate, para que Zeus, meu pai, não se zangue contigo.

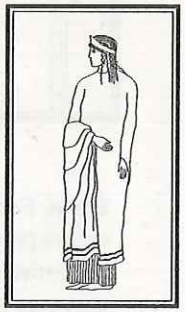
Assim falou Atena.

Ulisses obedeceu, feliz, no fundo, por se ver livre de tantos problemas.

E Palas Atena, filha de Zeus, senhor da Égide, fez que todos jurassem que, para o futuro, viveriam em paz.

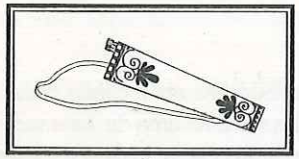
GLOSSÁRIO

Achas. Armas que se assemelham a machados.



Afrodite. Deusa da beleza, do amor e da fertilidade. Nasceu das espumas do mar. Foi levada pelos ventos para a ilha de Cítera e mais tarde para Creta, onde as Horas a enfeitaram e vestiram e a transportaram para a morada dos deuses. Seu nome romano era Vênus.

Ágora. Grande praça que existia em todas as cidades gregas. Era o local onde se davam os encontros da população.

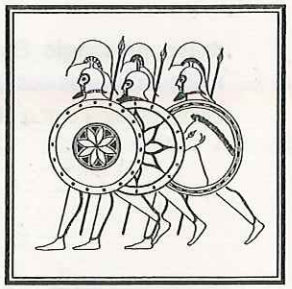


Aljava. Estojo onde se guardam setas ou flechas.

Amontoador de nuvens. Epíteto atribuído a Zeus. *Epíteto* é uma palavra ou frase que define uma pessoa. É muito característico de Homero atribuir vários epítetos aos deuses.

Antínoo. Um dos mais poderosos pretendentes. Os pretendentes, na *Odisséia*, achavam que Ulisses nunca voltaria para casa e queriam a todo custo tomar o seu lugar, casando-se com Penélope. Antínoo foi o primeiro pretendente a ser morto por Ulisses, com uma flecha na garganta, quando o herói voltou depois de vinte anos de ausência.

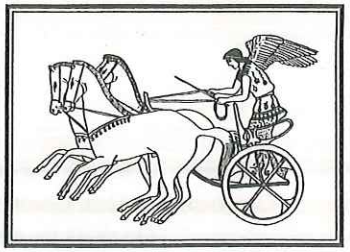
Aqueus. Povo muito antigo que vivia na Grécia, onde desenvolveu uma civilização importante dois mil anos antes de Cristo. Às vezes o nome *aqueu* é usado como sinônimo de *grego*.



Arauto. Mensageiro; aquele que levava as notícias.

Ares e Afrodite. Dois deuses que viveram uma história de amor e foram surpreendidos por Hefesto, esposo de Afrodite. O nome romano desses deuses era, respectivamente, Marte, Vênus e Vulcano.

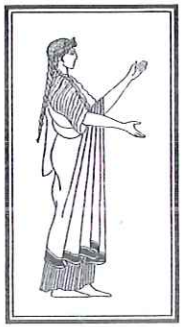
Ártemis. Irmã gêmea de Hélio. Deusa da caça. Seu nome romano era Diana.



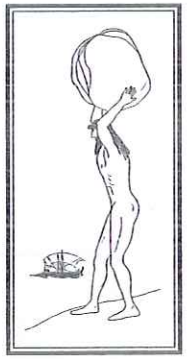
Aurora. Deusa da manhã, encarregada de abrir as portas do Oriente para a entrada do sol.

Aviso, presságio. Os gregos acreditavam muito em avisos dos deuses. Interpretavam diversos fatos como presságios.

Boato. O nome deste arauto atravessou os séculos e hoje significa notícia inverídica.

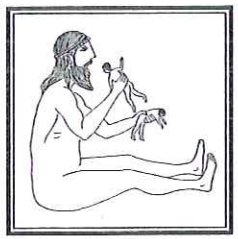


Calipso. Ninfa que vivia na ilha Ogígia, no mar Mediterrâneo. Quando Ulisses naufragou perto dessa ilha, Calipso cuidou dele e se apaixonou pelo herói.



Ciclopes. Os ciclopes eram gigantes de um olho só. Na *Odisséia*, Polifemo, um desses gigantes, atirou uma pedra enorme no mar, tentando acertar a embarcação do herói, que fugia com seus homens para não serem devorados pelo monstro. Para sorte de Ulisses, o ciclope errou o alvo.

Circe. Feiticeira poderosa. Há lendas que dizem que durante a estadia de Ulisses em sua ilha eles tiveram dois filhos: Telégono e Latino.

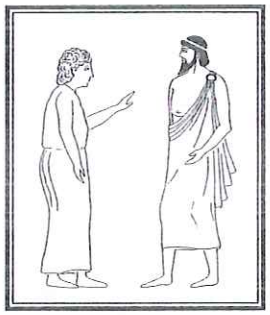


Cronos. O Tempo. Rei dos deuses, senhor do mundo. Casou-se com Rea. Devorava seus filhos, pois sabia que um deles iria destroná-lo. De fato, foi vencido por Zeus, que tinha escapado de ser devorado.

Destino. Filho da Noite. Estendia seus domínios sobre os homens e sobre os deuses. Nem Zeus podia contrariar o Destino, sob pena de romper a ordem do Universo. As Moiras, ajudantes do Destino, teciam, mediam e cortavam o fio da vida. O nome romano das Moiras era Parcas.

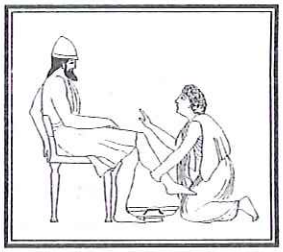
Égide. Escudo de Zeus e de Atena no qual estava pregada a cabeça da górgona Medusa, ser terrível cuja visão transformava em pedra aqueles que a fitavam.

Éolo. Deus dos ventos. Controlava todos eles, tanto os maus como os bons.



Euricléia e Eumeu. Euricléia era a criada mais velha da casa de Ulisses e foi ama de Telêmaco. Eumeu era guardador de porcos; quando Ulisses voltou a Ítaca, Eumeu foi o primeiro mortal a falar com ele. Foi na casa de Eumeu que Ulisses encontrou o filho Telêmaco pela primeira vez, depois de vinte anos de ausência.

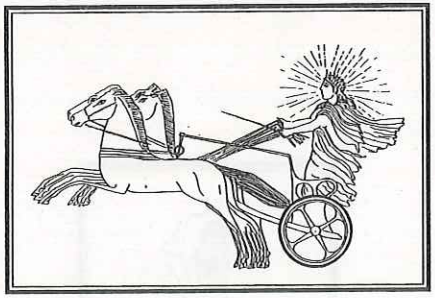
Euricléia reconhece Ulisses. Quando lavava os pés de Ulisses, que estava disfarçado de mendigo, Euricléia reconheceu o herói por uma cicatriz no joelho, causada por um javali, alguns anos antes.



Górgona, Medusa. As górgonas eram três irmãs horrorosas: Euríale, Estenó e Medusa. Esta última tinha serpentes no lugar dos cabelos, e seu olhar era tão terrível que transformava em pedra todos aqueles que olhavam para ela.

Hades e Perséfone. Deuses do mundo subterrâneo, o reino dos mortos. Seus nomes romanos eram Plutão e Prosérpina.

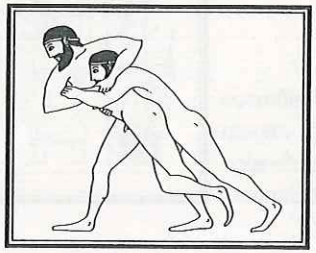
Hélio. Deus do sol. Possuía raios luminosos em vez de cabelos e percorria o céu em seu carro de fogo, puxado por poderosos cavalos. Seu nome romano era Apolo ou Febo. Deus da poesia e da música, das artes e da medicina, da juventude e da beleza.



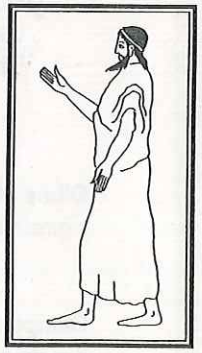
Hera. Mulher de Zeus, o deus supremo. Ciumenta e possessiva, é a guardiã dos casamentos, lares e famílias. Seu nome romano era Juno.

Hermes. Mensageiro de Zeus. Protetor dos viajantes. Seu nome romano era Mercúrio.

Ílion. Outro nome da cidade de Tróia. A palavra significa "rica em cavalos". Por causa desse nome um outro poema de Homero chama-se *Ilíada*.



Jogos. Os gregos apreciavam muito os jogos esportivos e davam especial valor a quem se saía bem deles.



Mentes. Amigo de Ulisses. Palas Atena disfarçou-se como Mentes porque era hábito dos deuses fazer isso, para pôr os mortais à prova.

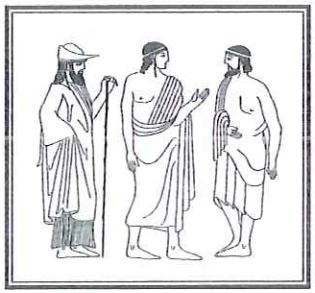
Mitologia. Conjunto de histórias e lendas de um povo. Através dessas histórias é possível conhecer o modo de agir e pensar dos povos. A *Odisséia* está repleta de referências à mitologia grega.

Mortalha. Manto com que se envolvia o morto para ser enterrado.

Nausícaa. Filha do rei e da rainha da Feácia. Encontrou Ulisses, deu-lhe conselhos e o guiou para que fosse recebido como hóspede no reino dos seus pais.

Ninfas. As ninfas não pertenciam ao grupo dos deuses principais; eram belas jovens que personificavam as flores, montanhas, lagos e fontes. Os deuses (e os homens mortais) adoravam namorá-las.

Nomes romanos. Os romanos ocuparam grande parte da Europa e receberam muita influência dos povos que dominaram, especialmente dos gregos. Até a religião romana passou a ser quase igual à grega, mas os deuses receberam novos nomes romanos.



O adivinho Teoclímeno. Quando Telêmaco volta para Ítaca, depois de sair em viagem à procura de notícias do pai, traz consigo o adivinho Teoclímeno.

Olhos glaucos. Olhos cor do mar, verde-azulados. Essa expressão é usada freqüentemente com referência a Atena.

Olimpo. A montanha mais alta da Grécia. Na mitologia, morada dos deuses. Um lugar perfeito onde reinava a felicidade.

Oráculo. Resposta dos deuses às perguntas feitas pelos mortais. Essa resposta era traduzida pelos sacerdotes e pelas pitonisas ou pítias.

Palas Atena. Deusa da sabedoria e da inteligência, nasceu da cabeça de Zeus. Guerreira, batalhava pelas causas justas. Seu nome romano era Minerva.

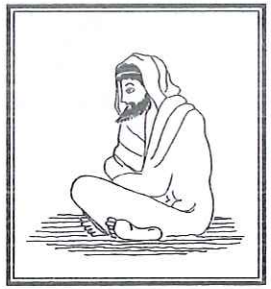
Parnaso. Monte da região da Tessália, onde viviam as ninfas e as graças. Era um lugar lindíssimo, repleto de flores, grutas e fontes. Poetas e pastores reuniam-se ali.

Poseidon. Deus dos mares, reinava sobre os oceanos e as tempestades. Seu nome romano era Netuno. O mar foi um fator decisivo no desenvolvimento da Grécia e por isso aparece com grande destaque na *Odisséia*.

Presente de hospitalidade. A hospitalidade era muito importante entre os gregos. Eles acreditavam que, honrando um hóspede, estariam honrando os próprios deuses.

Reconhecimento. Este é um tema constante na *Odisséia*: o aparecimento de alguém que só é reconhecido quando apresenta prova de sua identidade.

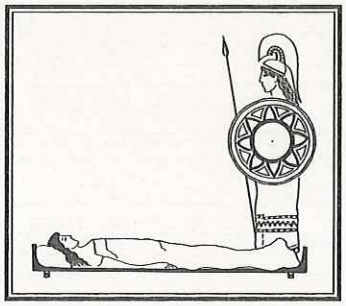
Saqueador de cidades. Este epíteto ou apelido era elogioso, pois definia um grande soldado. Mostra como a sociedade grega primitiva era guerreira.



Sentar-se sobre as cinzas. Este era um ato de humildade. Significava que o viajante desconhecido submetia-se à vontade do dono da casa.

Sereias. Perigosos monstros marinhos, possuíam metade do corpo em forma de mulher e a outra metade em forma de ave. Arrastavam os marinheiros para o fundo do mar com a beleza do seu canto. Mais tarde passaram a ser representadas como mulheres com cauda de peixe.

Sísifo. Fundador da cidade de Corinto. Denunciou Zeus quando ele raptou Egina. Foi atirado no inferno e obrigado a carregar eternamente uma pedra, montanha acima. Quando a pedra chegava ao alto, era atirada ao sopé da montanha, onde Sísifo tinha que apanhá-la de novo e levá-la para cima.



Sonho. Os gregos consideravam os sonhos como previsões de acontecimentos e davam grande importância a eles.

Sortilégios. Mágicas, encantamentos.

Tântalo. Filho de Zeus e da ninfa Pluto. Contava aos mortais o que se passava no Olimpo, além de cometer outros pecados. Foi atirado no inferno, onde sofria sede e fome eternas, sempre cercado de bebidas e comidas que não conseguia alcançar.

Tirésias. Adivinho famoso, ficou cego por ter visto Palas Atena nua. A deusa, para amenizar sua punição, deu-lhe o dom da profecia.

Zeus. O deus mais importante da mitologia grega. Vivia no Olimpo e de lá comandava toda a vida na Terra. A luz, os raios e o céu eram os seus símbolos. Seu nome romano era Júpiter.

Sobre Homero

Não se sabe se Homero existiu realmente.

Dizem que ele viveu há muitos, muitos anos e que era cego. Andava de uma cidade para outra, sempre recitando suas poesias.

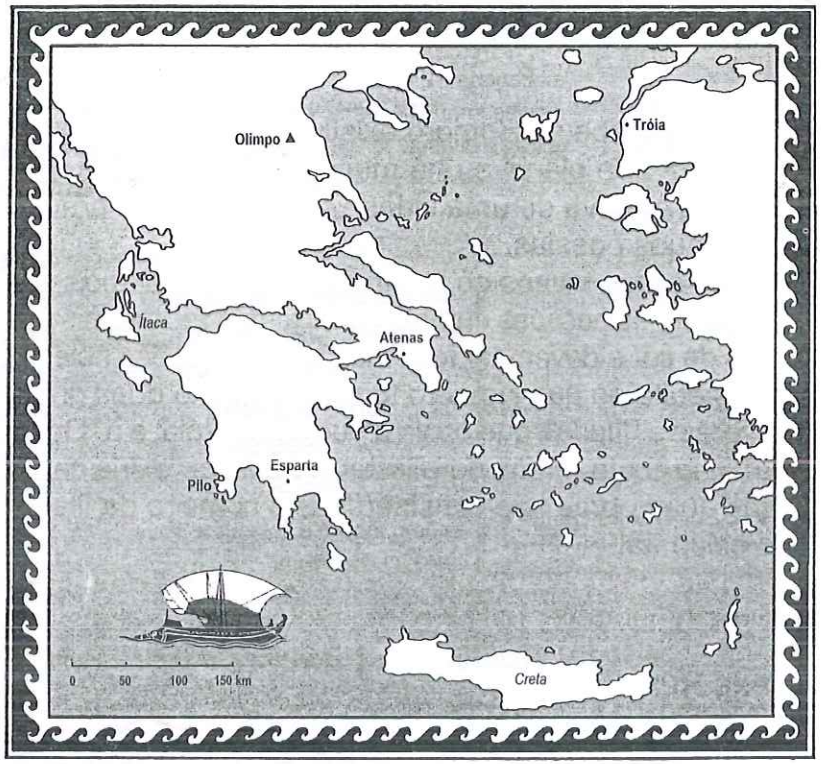
Mas esses versos só foram escritos muitos anos depois. Então, as pessoas durante muito tempo recitaram seus versos de cor e devem ter feito muitas modificações neles.

Acredita-se que Homero tenha composto duas grandes obras: a "Ilíada", que conta a guerra de Tróia; e a "Odisséia", que conta a volta de Ulisses de Tróia para sua casa. Essas duas obras são consideradas o começo da literatura ocidental.

Sobre Ruth Rocha

Ruth Rocha nasceu em São Paulo, em 1931. Tem uma filha, Mariana, e dois netos, Miguel e Pedro. Em 1952, formou-se em ciências políticas e sociais. Escreveu a sua primeira história infantil, *Romeu e Julieta, a borboleta*, em 1969. *Palavras, muitas palavras*, de 1976, foi o seu primeiro livro publicado. Desde então, não parou de escrever livros, muitos livros: em 2001, a sua obra já reunia mais de 130 títulos. Em linguagem saborosa e com fino senso de humor, as histórias de Ruth Rocha podem ser consideradas verdadeiros clássicos contemporâneos. *O reizinho Mandão*, *Marcelo, Marmelo, Martelo*, *Faca sem ponta, galinha sem pé* e *Sapo vira rei vira sapo*, entre outros livros, conquistaram milhões de leitores, além de vários prêmios de literatura infanto-juvenil.

Odisséia, que é ilustrado pelo marido de Ruth, Eduardo Rocha, recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.



Ítaca é a ilha onde nasceu Ulisses. Não há consenso sobre onde ela se localizaria.
As outras cidades deste mapa estão indicadas no seu exato lugar histórico-geográfico, que é o mesmo ainda hoje.